

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA

DIEGO MARQUES FIGUEIRA

**DO GRAMADO ÀS PÁGINAS: A CRÔNICA DE FUTEBOL NA IMPRENSA NO BRASIL**

Porto Alegre  
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Escola de Humanidades

Programa de Pós-Graduação em Letras

Mestrado em Teoria da Literatura

Diego Marques Figueira

Do gramado às páginas – a crônica de futebol na imprensa no Brasil

Orientador: Prof. Dr. Pedro Theobald

Porto Alegre

2018

Do gramado às páginas – a crônica de futebol na imprensa no Brasil

Dissertação apresentada  
como requisito parcial para a obtenção  
do grau de mestre no  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
da Pontifícia Universidade Católica do  
Rio Grande do Sul.

Porto Alegre

2018

Para Alice, Henrique e Vanessa, como não poderia deixar de ser. Grato por tudo. Sempre.

*“Vraiment le peu de morale que je sais, je l’ai appris sur les terrains de football et les scènes de théâtre qui resteront mes vraies universités.”*

Albert Camus, 1959

## RESUMO

Nem de longe objeto de interesse exclusivo de jornalistas esportivos, o futebol sempre fez parte do imaginário de escritores nacionais. Crônicas sobre este esporte são parte fundamental tanto de sua história quanto da do jornalismo e da literatura nacionais. Ao mesmo tempo gênero literário e jornalismo, a crônica, efêmera quando nas páginas dos jornais, apenas parece precíval ao tratar de um assunto tão mundano quanto o futebol. Talvez justamente sua efemeridade a faça grandiosa. Porque durante mais de século a crônica de futebol informa e diverte, analisa e entretém e, assim, aproxima-se do povo, cativa o leitor – possivelmente mais do que uma necessária notícia sobre finanças ou do que um educativo romance. Esta dissertação apresenta e analisa a trajetória da crônica de futebol em jornais e revistas (inclusive eletrônicas) no Brasil desde quando os textos eram jornalísticos, opinativos, até quando passaram a ser considerados também literatura. A principal fonte teórica desta dissertação é a teoria da crônica e seu exercício como a literatura do cotidiano, aqui aplicada ao assunto futebol, criando um subgênero essencialmente brasileiro. É a perenidade desse tipo de texto e a evolução de seu estilo que este trabalho analisará. Ao mostrar diferentes crônicas de diferentes épocas pretende mostrar como este tipo de crônica foi afetado pela passagem do tempo e pelo desenvolvimento das mídias nas quais se desenvolveu.

Palavras-chave: crônica, futebol, jornal, revista, jornalismo, literatura

## **ABSTRACT**

Not by far the exclusive interest of sports journalists, football has always been part of the imagination of national writers. Chronicles about this sport are a fundamental part of both its history and that of national journalism and literature. At the same time literary genre and journalism, the chronicle, ephemeral on newspaper pages, only seems perishable when dealing with a matter as mundane as football. Perhaps its ephemerality is what makes it great. For more than a century the football chronicle informs and amuses, analyzes and entertains and thus approaches itself from people and captivates the reader – possibly more than necessary news about finance or an educational novel. This dissertation presents and analyzes the trajectory of the football chronicle in newspapers and magazines (also in electronic media) in Brazil ever since those texts were journalistic and opinionated until they came to be considered literature. The main theoretical source of this dissertation is the theory of the chronicle and its exercise as everyday literature, here applied to football, creating a Brazilian subgenre, essentially. It is the perennality of this type of text and the evolution of its style this work will analyze. By showing different chronicles from different times, it is intended to show how this kind of chronicle was affected by the passage of time and the development of the media in which it was developed.

Keywords: chronicle, football, newspaper, magazine, journalism, literature

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. O FUTEBOL.....	13
3. A CRÔNICA.....	23
4. AS CRÔNICAS DE FUTEBOL.....	33
4.1 AQUECIMENTO (1900 A 1930).....	35
4.2 PRIMEIRO TEMPO (1940 A 1960).....	48
4.3 SEGUNDO TEMPO (1970 A 1980).....	61
4.4 PRORROGAÇÃO (1990 A 2010).....	68
5. CONCLUSÃO.....	76
6. REFERÊNCIAS.....	82

## 1. INTRODUÇÃO

Há tempos diz-se que o Brasil é o país do futebol. Será, também, o país da crônica de futebol? De que forma o futebol, este aspecto tão importante e intrigante da vida nacional, tem sido retratado por outra faceta da cultura brasileira, a crônica de jornal e revista?

A dissertação abordará a crônica futebolística que se desprende do texto meramente jornalístico. Tratar-se-á, nestas páginas, de crônicas que transcendam o texto estritamente informativo ou que estejam encarregadas simplesmente de analisar o que ocorreu durante a disputa de uma partida, de um torneio ou de um campeonato. A intenção é abordar a crônica futebolística como extensão desse meio, ocupando-se também dos demais aspectos do cotidiano, da vida. Este trabalho, como fundamentação teórica, basear-se-á na teoria da crônica. O que é a crônica e o que distingue a crônica do relato jornalístico (a forma, livre, de tratar fatos da atualidade) são as questões norteadoras da dissertação. No relato jornalístico, a atualidade e a informação são mais importantes para o repórter.

Não deveria ser difícil, na segunda década do século XXI, tentar explicar a importância de um trabalho como este, que pretende fundir futebol e literatura. Não deveria ser difícil, mas é. Porque embora o desgastado chavão “Brasil, país do futebol” persista, a afirmativa não é de todo verdadeira. Este Brasil, país do futebol, porém, existe nos poucos momentos em que se celebram as vitórias da Seleção Brasileira e eventuais triunfos dos clubes nacionais em torneios continentais. Ou seja, existe dentro do campo, na fugaz duração de uma partida ou durante a celebração dos feitos dos atletas.

Sobre a crônica, sempre citado em textos sobre o assunto, Antonio Candido define-a como o gênero literário mais perto de nós, leitores. Para ele, o fato de a crônica ficar tão perto do dia a dia age como quebra do monumental e da ênfase que, entende o teórico, podem “atuar como disfarce da realidade e mesmo da verdade” (CANDIDO, 1992, p. 14).

A origem da palavra crônica remete a ancestrais latinos e gregos relacionados a tempo, e nos primórdios das narrativas, a uma marca da apresentação de fatos na ordem em que acontecem – ordem cronológica. É disso que trata a crônica, é isto o

que ela é: um recorte do tempo e no tempo, um retrato, a captura de instantes. Conforme Rodrigo Viana (2013, p. 19),

A palavra “crônica”, recebida do latim *chronicu*, tem origem etimológica no verbete grego *chronikós*, remetendo por isso à questão do tempo. Segundo a mitologia clássica,

[...] o deus Chronos, filho de Urano (o Céu) e de Gaia (a Terra), destronou o pai e casou-se com a própria irmã (Reia). Urano e Gaia, conhecedores do futuro, predisseram-lhe, então, que ele seria, por sua vez, destronado por um dos filhos que gerasse. Para evitar a concretização da profecia, Cronos passou a devorar todos os filhos nascidos de sua união com Reia. Até que esta, grávida mais uma vez, conseguiu enganar o marido, dando-lhe a comer uma pedra em vez da criança recém-nascida. E, assim, a profecia realizou-se: Zeus, o último da prole divina, conseguindo sobreviver, deu a Cronos uma droga que o fez vomitar todos os filhos que havia devorado. E liderou uma guerra contra o pai, que acabou sendo derrotado por ele e os seus irmãos. (BENDER, LAURITO, apud VIANA, 1993, p. 10).

A corroborar o estudo de Viana está a professora Margarida de Souza Neves, quando assinala que a crônica, pela própria etimologia – *chronos/crônica* –, é um gênero colado ao tempo”, registrando e narrando fatos e suas consequências em ordenação cronológica, mas incorporando a subjetividade do narrador.

Num e noutro caso, a crônica guarda sempre de sua origem etimológica a relação profunda com o tempo vivido. De formas diferenciadas, porque diferente é em cada momento a percepção do tempo histórico, a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo. Não fosse senão por essa razão, já seria justo que delas se ocupassem os historiadores (NEVES, 1992, p. 82).

Para o professor Jorge de Sá (2008), a carta de Pero Vaz de Caminha ao rei Dom Manuel marca a primeira vez que um cronista se entusiasma pela paisagem brasileira, podendo ser considerada criação de um cronista, “(...) pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva”.

Citado por Margarida Neves, Joaquim Maria Machado de Assis é definitivo, em trecho de escrito de 1877, em não se importar com a cronologia e, em vez disso, ocupar-se de exemplificar a dimensão mundana e, por isso mesmo, universal, deste gênero:

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a possibilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica. (Machado de Assis apud NEVES, 1992, p. 75).

Como assinala Margarida Neves, outro mérito desse excerto machadiano é o de estabelecer o cotidiano como objeto da crônica.

Luiz Carlos Ribeiro (2012) também marca o artigo *A vida ao rés-do-chão*, de Antonio Candido, como trabalho que inicia a discussão e a definição contemporânea de crônica. Candido vê a crônica como gênero menor de literatura porque não tem a pretensão de durar.

E ao localizar o lugar de instituição da crônica como fenômeno literário, Candido se aproxima da visão de Machado de Assis: a característica de efemeridade da crônica “acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa”. (CANDIDO, 1992: 14).

Ainda conforme Candido, citado por Ribeiro (2012), a elaboração da crônica quando se coloca nessa expectativa do “simples rés-do-chão”, consegue eliminar do texto a grandiloquência e o rebuscamento – características que o crítico enxerga peculiares na literatura brasileira “até, pelo menos, o modernismo”.

Esta dissertação, em seu início, tratou brevemente do futebol e da aura que o esporte exerce sobre o país e sua gente. Apesar de muito badalado, o jogo ainda parece despertar pouco interesse – dada a magnitude do espaço que ocupa no imaginário nacional – em ser devidamente estudado. Talvez porque possa servir para desvendar um pouco mais a alma do país e despertar sentimentos e pensamentos com os quais a sociedade brasileira pode ainda não estar pronta para lidar. Um dos exemplos disso é a expressão “complexo de vira-latas”, cunhada na década de 1950 por Nelson Rodrigues e que ainda hoje causa incômodo em muitos de nós – provavelmente pela acurácia de seu diagnóstico.

Isto posto, prossigamos, examinando as origens deste esporte e sua conexão

com o Brasil.

## 2. O FUTEBOL

Não há fenômeno social no Brasil como o futebol. Talvez, é possível argumentar, o samba seja páreo, mas é fato que o Carnaval não faz o país parar como faz o futebol. Não há movimento possível no Brasil em uma partida decisiva de Copa do Mundo. Salvo o som dos espectadores dentro de praças de jogos como o Mineirão – conforme batizado pelo povo o Estádio Magalhães Pinto, em Belo Horizonte, MG – no fatídico 8 de julho de 2014, aquela data em que a Seleção Brasileira foi aniquilada por uma goleada de 7 a 1 pela Alemanha em uma das semifinais da segunda Copa do Mundo organizada no país, é praticamente impossível observar qualquer sinal de vida pelas ruas das cidades quando a Seleção decide seu futuro em um Campeonato Mundial. Isso conta a favor da teoria de que o futebol é inigualável como fenômeno. Até o fato de a Seleção ser conhecida apenas assim em todo o planeta, sem referência ao gentílico, é uma mostra do poderio do futebol no Brasil e de seu máximo e icônico representante: o selecionado nacional, em suas camisas amarelas de gola e punhos verdes, calções azuis e meias brancas.

O uniforme da seleção, de fato, é um símbolo mais preponderante que a bandeira nacional. A bandeira, composta de um círculo, um losango e um retângulo sobrepostos concetricamente – foi desenhada para o nascimento da república em 1889. O verde representa as florestas, o amarelo as riquezas do país, o globo azul com estrelas brancas é o céu noturno do Rio. Mas a bandeira também é manchada de conotações militares. Quando um brasileiro vai torcer por um compatriota em algum outro esporte veste a camisa amarela – pois o futebol dá aos brasileiros um sentimento de identidade nacional – e mesmo de cidadania – maior que qualquer outra coisa. (BELLOS, 2002, p. 66)

Portanto, o futebol é mais do que um simples exercício físico e de táticas. E nem é apenas pelo interesse de multidões que se mede o alcance e a grandeza do futebol. Também nos detalhes se percebe seu poder de sedução: basta que haja um objeto (de preferência esférico) que possa ser chutado para que se jogue futebol ou, pelo menos, um arremedo dele. Goleiras podem ser improvisadas com pedras, tijolos, gravetos, calçados. A bola pode ser uma pedra, uma pilha, um saco de BomBril, folhas amassadas de papel ou ainda outra bola que não a de futebol (maior, como de basquete, ou menor, como de pingue-pongue, por exemplo) ou com o que a imaginação concordar, não importa.

Difícilmente se descobrirá um brasileiro que, ao menos uma vez na vida, não haja metido o pé numa bola, e que ficasse imune ao sortilégio do jogo nacional. Industrial de renome, médico de fama, político de prestígio, intelectual ou operário, soldado ou civil, clérigo ou leigo, cada um tem de confessar – se não foi na infância, foi na adolescência, na juventude ou até mesmo na idade madura – sua passagem pelos “bancos” dessa fascinante escola pública que é a “pelada”. (PEDROSA, 1967, p. 10)

O futebol, como todo esporte de competição, possui regras, mas elas não são inflexíveis numa brincadeira; há um conjunto de equipamentos para sua prática (bola, chuteiras, uniformes numerados, caneleiras, luvas para o goleiro etc., mas sua ausência jamais impedirá que moleques o pratiquem por pura diversão, inclusive com os pés nus.

Representa a identidade nacional e também consegue dar significado aos desejos de potência da maioria absoluta dos brasileiros. Essa relação, de tão forte, é vista como parte da natureza do país – explicações para o fenômeno geralmente vão mais na direção da Antropologia que da História. (...) o futebol (...) não é um mundo à parte, não é uma espécie de “Brasil paralelo”. É pura construção histórica, gerado como parte indissociável dos desdobramentos da vida política e econômica do Brasil. O futebol, se lido corretamente, consegue explicar o Brasil. (GUTTERMAN, 2009, p. 9)

É um esporte que movimenta públicos extraordinários, em estádios ou em transmissões de televisão ou rádio, via satélite, e recentemente também por meio da rede mundial de computadores (internet). É profissão, entretenimento, investimento, fonte de recursos financeiros e, por que não?, belíssima demonstração de arte e parte indissociável da cultura em muitos países.

Por outro lado, o futebol no Brasil age sobre esse artigo de luxo importado que é o futebol britânico, dando-lhe outra configuração e outra destinação, em paralelo e contraponto com a música popular. No samba e no futebol, negros, brancos e mulatos, habitando uma certa zona de indeterminação criada pela herança do escravismo miscigenante, lidam com a prontidão e outras bossas, com seu saldo não verbal e ambivalente, num campo em que o fio da navalha da inclusão e da exclusão se transforma num estilo de rimar, de entoar e de jogar. Esse estilo (...) constituiu-se num sistema acabado e produziu Pelé, que realiza em campo todas as suas virtualidades a ponto de pairar sobre ele, como se livre de seus estigmas (que permanecem e transparecem vívidos no gênio de Garrincha). (WISNIK, 2008, 406)

São algumas boas razões pelas quais a crônica esportiva é objeto de estudo nesta dissertação. Explico. Ainda criança, não tive dificuldade, aos quatro anos (em 1978), em juntar as letras e perceber que eram aqueles caracteres que davam sentido

às coisas que falava e ouvia. A partir dali, podia, também, ler! E logo no começo desta aventura, entre visitas semanais à banca de revistas – ainda hoje para mim um espaço mítico, mesmo depois de conhecer um sem-número de livrarias e muitas bibliotecas –, onde meu pai me brindava com edições de *Pato Donald*, comecei a me interessar por aquela revista com fotos de ação, até então exclusiva dele. Havia ali histórias de conquistas e derrotas, com sujeitos em uniformes numerados, capturados em poses atléticas, expressões denotando supremo esforço e outras de pura e juvenil alegria. Era a *Placar*, e suas histórias começavam a dividir minha atenção infantil com os habitantes de Patópolis. Como resistir ao apelo de um goleiro com nome de Leão? E a um meia chamado Sócrates? Havia tantos outros atrativos: como a equipe do Botafogo (quem poderia com um time que queimaria os outros?). Talvez o Atlético, de camisetas semelhantes e pela imposição que a nomenclatura lhe emprestava; quiçá o Santos, por imaculado; ou, quem sabe?, aquele de nome misterioso: Fluminense. Das leituras incipientes dos feitos daqueles novos heróis (e vilões) ao hábito de frequentar estádios não tardou muito, e as arquibancadas da Boca do Lobo testemunharam minha passagem da infância à vida adulta, com toda a carga de emoções ali sentidas e muitas vezes ainda indeléveis a brincar na memória. Naquelas páginas e naquele estádio (e em outros, mais tarde, em diferentes cidades e até em outros países, mesmo que não houvesse jogo a ser assistido) nascia uma paixão que insiste em ser perene. Mesmo depois de ter sentido, anos depois, na pele de jornalista, o cheiro podre das entranhas da besta nos bastidores desse esporte. Para falar e escrever sobre crônicas de futebol é necessário saber sobre ele e sobre tudo o que dele faz parte. É mandatório perceber que se trata muitas vezes, também, da insensatez que acomete a quem acompanha o jogo. Conhecendo essa loucura, a maluquice do tipo que fere a ninguém, é possível amar o futebol. Talvez só assim seja possível, enfim, compreendê-lo no todo.

Para o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini o futebol é isso tudo e mais ainda: “também é um ‘sistema de signos’, ou seja, é uma língua, ainda que não-verbal”, conforme artigo por ele publicado em 1970, depois da vitória brasileira por 4 a 1 sobre a Itália, na final da Copa do Mundo do México. Pasolini compara o futebol a uma linguagem, formando palavras exatamente da mesma forma que a linguagem escrita e falada – por combinações de fonemas.

Os ‘fonemas’ são, pois, as unidades mínimas da língua escrita-falada. Se quisermos nos divertir dividindo a unidade mínima da língua do futebol, podemos dizer: “Um homem que usa os pés para chutar uma bola”. Aí está a unidade mínima, o “podema” (se quisermos continuar a brincadeira). As infinitas possibilidades de comunicação dos “podemas” formam as “palavras futebolísticas”; e o conjunto das “palavras futebolísticas, constitui um discurso, regulado por regras sintáticas precisas.

Os “podemas” são 22 (mais ou menos como os fonemas): as “palavras futebolísticas” são potencialmente infinitas, porque infinitas são as possibilidades de combinação dos “podemas” (o que, em termos práticos, equivale às passagens da bola entre os jogadores); a sintaxe se exprime na “partida”, que é um verdadeiro discurso dramático.

Os cifradores dessa linguagem são os jogadores; nós, nas arquibancadas, somos os decifradores: em comum, possuímos um código.

Quem não conhece o código do futebol não entende o “significado” das suas palavras (os passes) nem o sentido do seu discurso (um conjunto de passes). (PASOLINI, 1970)

Pasolini continua sua explicação, dizendo que cada língua se articula em sublínguas, cada qual com um subcódigo. No futebol, segundo ele, não haveria por que ser diferente, e o esporte também se articula em subcódigos.

Há futebol cuja linguagem é fundamentalmente prosaica e outros cuja linguagem é poética. Para explicar melhor a minha tese darei – antecipando as conclusões – alguns exemplos: [o meio-de-campo italiano] Bulgarelli joga um futebol de prosa, é um “prosador realista”; Riva, [maior goleador da história da seleção italiana] joga um futebol de poesia, é um “poeta realista”. (PASOLINI, 1970)

À frente no artigo, o cineasta explica que não faz distinção de valor entre prosa e poesia, apenas as distingue tecnicamente, mas compreende a literatura italiana quase sempre conservadora e provinciana (especialmente quanto mais recente) e estabelece que, por “razões de cultura e de história, o futebol de alguns povos é fundamentalmente de prosa, seja ela realista ou estetizante (este último é o caso da Itália); ao passo que o futebol de outros povos é fundamentalmente de poesia”. Prosa ou poesia, Pasolini entende, neste paralelo com a literatura, que o futebol é, também, arte:

Há no futebol momentos que são exclusivamente poéticos. Cada gol é sempre uma invenção, uma subversão do código: cada gol é fatalidade, fulguração, espanto, irreversibilidade. Precisamente como a palavra poética. (...) O drible, é também essencialmente poético (embora nem sempre, como a ação do gol). De fato, o sonho de todo o jogador (compartilhado por cada espectador) é partir da metade do campo, driblar os adversários e marcar. Se, dentro dos limites permitidos, é possível imaginar algo sublime no futebol, trata-se disso. (...)

Quem são os melhores dribladores do mundo e os melhores fazedores de gols? Os brasileiros. Portanto o futebol deles é um futebol de poesia – e, de fato, está todo centrado no drible e no gol. (PASOLINI, 1970)

Resumindo o pensamento de Pier Paolo Pasolini, o futebol de triangulações, de jogo coletivo e mesmo a retranca (esquema essencialmente defensivo, preocupado primeiramente em evitar o gol em vez de buscar fazê-lo) são exemplos de jogo em prosa. Já o futebol individualista, que aposta em lances mesmo que esparsos de brilho por meio de dribles, é o futebol poético. Não que aos prosaicos seja vedada a poesia: o italiano admite que o gol é sempre um poema, mesmo que cometido por quem seja afeito à prosa.

O futebol de poesia é o latino-americano. Esquema que, para ser realizado, demanda uma capacidade monstruosa de driblar (coisa que na Europa é esnobada em prol da “prosa coletiva”): nele, o gol pode ser inventado por qualquer um e de qualquer posição. Se o drible e o gol são o movimento individualista-poético do futebol, o futebol brasileiro é, portanto, um futebol de poesia. Sem fazer distinção de valor, mas em sentido puramente técnico, no México a prosa estetizante italiana foi batida pela poesia brasileira. (PASOLINI, 1970)

Já na leitura de José Miguel Wisnik, o futebol

é uma língua geral que acontece numa zona limiar entre tempos culturais que se entremeiam. É essa a maior consequência, conforme assinala, dos artigos de Pasolini sobre a prosa e a poesia do futebol. (WISNIK, 2008, p. 20)

E também faz girar a roda da economia, é balcão de negócios. Parecem infundáveis as maneiras de se fazer dinheiro relacionadas a este esporte.

Centenas de milhares de jogadores profissionais ou amadores estão diretamente envolvidos no futebol, ao lado dos técnicos, treinadores, árbitros, médicos, massagistas, roupeiros, empresários, “olheiros”, “gandulas” etc. Ao mesmo tempo, de forma também direta ou indireta, no ramo profissional, na indústria, no comércio, na administração pública, na imprensa, no rádio e na televisão, milhares e milhares de pessoas se vinculam às atividades do mesmo setor esportivo: dentistas, dietistas, cozinheiros, fabricantes de bolas, de chuteiras, de camisas, dos mais diversos petrechos relacionados com o futebol, negociantes, colunistas, repórteres, fotógrafos, comentaristas, locutores especializados, cineastas, técnicos de TV e de rádio. Há os dirigentes dos clubes e associações, os administradores e demais funcionários das praças de esportes, e contabilistas, e tesoureiros, e bilheteiros... E as mulheres, filhos, parentes, enfim, as famílias que se mantêm à custa dos proventos que desses trabalhos tiram seus chefes. E nem é possível ignorar a significação que ao futebol atribuem os governantes, sempre de acordo em reservar-lhe elevadas verbas, como instrumento capaz fazer desaguar na amplidão dos estádios as angústias cotidianas das multidões sob a pressão dos problemas que se acumulam e que ali têm a faculdade de esquecer sob avalanche de emoções momentâneas. (PEDROSA, 1967, p. 11)

Trata-se de um fenômeno de comunicação de massa, pois ao redor do mundo os espetáculos esportivos que são os campeonatos de futebol produzem extensas coberturas jornalísticas por todas as mídias disponíveis. E, como para todo fenômeno, há quem seja a favor e contra, como mostra Wisnik (2008) ao comentar *La era del fútbol*, do argentino Juan José Sebreli, “talvez o mais contundente de todos os livros escritos contra o futebol”, onde, segundo ele, o autor afirma que “nenhuma das grandes ideologias universais – cristianismo, islamismo ou socialismo (...) – puderam abarcar unanimemente sociedades, culturas, continentes, raças e sistemas políticos como o futebol chegou a fazê-lo neste final de século”. Para Sebreli, portanto, novamente citado por Wisnik, é como se os exemplos listados anteriormente por Pedrosa (1967) nada mais fossem além de o futebol a serviço do totalitarismo do poder econômico, “que lhe dá o seu rematado alcance mundial, e presta-se a promover a aceitação conformista do trabalho alienado, a mentalidade do puro rendimento, a competição brutal, a agressão, o sexismo, o fanatismo, o bairrismo, o ativismo irracional das torcidas, o desprezo pela inteligência e pelo indivíduo, o culto dos ídolos, a massificação, o autoritarismo, a fusão mística nos coletivos tribais, a supressão do espírito crítico e do pensamento independente”. O argentino não deixa de ter razão. É possível enxergar e relacionar todos esses problemas ao futebol, como responde Wisnik.

Não há dúvida de que os itens dessa longa lista estão associados, muitas vezes profundamente, às práticas futebolísticas. Mas importa saber *como*, e, antes de mais nada, esclarecer se a sua associação com o futebol é necessária. A rigor, a lista de Sebreli é uma relação de contingências: nenhuma delas define o futebol enquanto tal, e é possível dizer que ele só se realiza plenamente quando não está dominado por elas. A possibilidade de estarem em jogo (o fanatismo, o autoritarismo, o sexismo, a agressão, a manipulação capitalista), de forçarem o jogo, de serem catalisados, promovidos ou despertados pelo jogo, ao mesmo tempo em que negados pelo jogo, é que permite ao futebol ser um campo de conflitos simbólicos, de expressão transcultural e mundial, mais do que o deserto do espírito em que a humanidade dócil se entrega à manipulação do totalitarismo da vez. (WISNIK, 2008, p. 44)

De fato, o assunto futebol rende discussões e teorias que podem ser desviadas para inúmeros caminhos, conforme demonstra o livro *Como o futebol explica o mundo*, do americano Franklin Foer. Nele, o autor dissecou conflitos religiosos entre católicos e protestantes na Escócia e na Irlanda, denuncia a corrupção entre cartolas (dirigentes de clubes), explica como se forma a cultura dos hooligans (arruaceiros) ingleses, e, entre outros assuntos, aborda a globalização do esporte.

Era fácil entusiasmar-se com a nova ordem. Esses torneios eram o doce sonho de um fã: a chance de ver o Juventus de Turim jogar numa semana com o Bayern de Munique e com o Barcelona na seguinte. Ao criarem alquimias culturais a partir de suas escalafões, os técnicos muitas vezes produziam novos e maravilhosos espetáculos: o estilo italiano, cínico e defensivo, vitalizado pela infusão de liberdade de estilo de holandeses e brasileiros; o estilo duro (ou a falta de estilo) dos ingleses temperado por uma pitada de perspicácia sob a forma de atacantes franceses. Visto da minha poltrona, o futebol parecia estar muito mais adiantado no processo de globalização do que qualquer outra economia do planeta. (FOER, 2005, p. 8-9)

Mas, qual zagueiro inamistoso, Foer sabe bater duro quando solicitado, e critica os inimigos dessa miscigenação de culturas por simples apego ao tradicionalismo. Em muitos casos, Foer vê nesse repositório de tradições um sentimento mais profundo que a religião e, em vez de aglutinar as comunidades invadidas por “megamarcas como o Manchester United e o Real Madrid”, que afastam torcedores de seus antigos clubes, acabam por fracassar em reduzir rivalidades e até promover o nacionalismo à antiga. São exemplos que servem para dar a amplitude do alcance do futebol em todo o mundo.

Esta dissertação se ocupará da palavra escrita e das crônicas produzidas sobre o assunto futebol, mas com enfoque diverso do jornalístico. O que interessa é o discurso literário sobre o jogo. E este discurso literário, muitas vezes, e ousado dizer que em seus instantes de maior brilho, não se limitará a tratar apenas do jogo nem dará atenção

somente à literatura, ao estilo. Em seus melhores momentos – expressão da qual, como inúmeras outras, o futebol se apropriou, em seu significado de “lances mais importantes e interessantes de uma partida” – as crônicas sobre o jogo, de modo quase displicente, distraído, inconsciente ou inconsequente, desviam-se do assunto e transportam o leitor a um lugar diferente de onde estava quando iniciou a leitura. Uma crônica sobre futebol pode, sim, versar apenas sobre o mote esportivo, mas também sabe conversar sobre outros fenômenos como a distância que o jogo já impingiu ao público feminino, a surpresa do cronista com a popularidade do então novo esporte, a descoberta do menino que mesmo adolescente já era o maior jogador da história, os bastidores da discussão por premiação pretendida pelos atletas, as lembranças do escritor sobre como se apaixonou na infância pelo time que decidiu levar no peito ou o devaneio do cronista a ver fantasmas no estádio depois de um jogo épico e tantos outros infindáveis temas. Onze crônicas selecionadas, uma em cada década entre os anos 1900 e 2000, darão um painel de como esse gênero surgiu no Brasil e se desenvolveu.

Nada mal para um esporte que nem sempre amejou simpatia. Pior do que isso: nos primórdios, e durante séculos, o futebol não passava de um jogo bruto praticado por homens considerados selvagens. A evidência mais antiga do jogo não é precisa – data de quase cinco mil anos, na China, onde há relatos de um jogo de nome *tsu chu*, que consistia em tentar fazer com que uma bola cheia de cabelos, pelos e penas e costurada com couro de animais, cruzasse um arco feito de canas de bambu.

No futebol, como em quase tudo, os primeiros foram os chineses. Há cinco mil anos, os malabaristas chineses faziam dançar a bola com os pés, e foi na China que tempos depois se organizaram os primeiros jogos. A meta ficava no centro e os jogadores evitavam, sem usar as mãos, que a bola tocasse no chão. De dinastia em dinastia continuou o costume, como se vê em alguns relevos de monumentos anteriores a Cristo, e também em algumas gravuras posteriores, que mostram os chineses da dinastia Ming jogando com uma bola que parece da Adidas. (GALEANO, 2015, p. 35)

Também não havia, à época, conceito de equipes nem de competição. Fazer a pelota cruzar tal arco era tarefa de todos. Há relatos diversos de passatempos semelhantes praticados pelos romanos, além de no Egito, na Grécia, no Japão e no México. Séculos depois, por volta de 700 dC, era corrente na Inglaterra a versão da lenda da evolução do jogo, que consistia em chutar a cabeça decepada de certo príncipe dinamarquês subjugado em batalha, no século XI. Não à toa, era chamado

*mob football* (futebol da máfia, ou da turba). O conceito do futebol era baixo, e o jogo foi banido pelo rei Eduardo II e por vários sucessores, como Henrique VIII. A *Comédia dos Erros* (1592), de William Shakespeare, registra a má vontade da elite inglesa com o jogo. Num pequeno trecho do primeiro ato de *Rei Lear*, também de Shakespeare, encenada pela primeira vez em 1606, o Conde de Kent ralha com um dos mordomos que, crê, desrespeita o rei: “Não queres que te chutem, também, vagabundo jogador de futebol?”.

Pelos pés dos legionários romanos a novidade chegou às ilhas britânicas. Séculos depois, em 1314, o rei Eduardo II estampou seu selo numa cédula real que condenava este jogo plebeu e alvoroçador, “estas escaramuças ao redor de bolas de grande tamanho, de que resultam muitos males que Deus não permita”. O futebol, que já se chamava assim, deixava uma fileira de vítimas. Jogava-se em grandes grupos, e não havia limite de jogadores, nem de tempo, nem de nada. Um povoado inteiro chutava a bola contra outro povoado, empurrando-a com pontapés e murros até a meta, que então era uma longínqua roda de moinho. As partidas se estendiam ao longo de várias léguas, durante vários dias, à custa de várias vidas. Os reis proibiam estes lances sangrentos: em 1349, Eduardo III incluiu o futebol entre os jogos “estúpidos e de nenhuma utilidade”, e há éditos contra o futebol assinados por Henrique IV em 1410 e Henrique VI em 1477. Quanto mais o proibiam, mais se jogava, o que não fazia mais que confirmar o poder estimulante das proibições. (GALEANO, 2015, p. 36)

Felizmente, o mundo e o futebol conseguiram evoluir. Vencida a proibição, já no século XIX, o futebol não demora a ganhar o gosto de quem antes o renegava. Em pouco tempo, embora com regras, o jogo era praticado em universidades como Cambridge e Oxford, o que levou o historiador inglês Percy Young a dizer que “a história do futebol é uma constante adaptação ao terreno e às circunstâncias”. O futebol como o conhecemos nasce numa taverna em Londres, em 26 de outubro de 1863. Lá é criada *The Football Association* e são aprovadas as 13 – mais tarde, 17 – regras que unificam a prática do esporte em clubes e universidades inglesas. O primeiro jogo, entre os clubes de Morley e Richmond, termina num britânico 0 a 0.

No Brasil, o futebol se desenvolve a partir de 1894, com bolas trazidas pelo paulistano Charles Miller, que estudava na Inglaterra.

O primeiro jogo de futebol disputado no Brasil mais ou menos dentro das regras oficiais, de acordo com os registros mais aceitos, ocorreu em São Paulo em 14 ou 15 de abril de 1895. Promovido por Charles Miller, reuniu funcionários da Companhia do Gás (The Team of Gaz Company) e da São Paulo Railway. A partida teve lugar na Várzea do Carmo, nas proximidades das ruas do Gasômetro e Santa Rosa, conforme descreveu mais tarde o próprio Miller, que conhecia bem a região – afinal, ele nascera no Brás. (GUTTERMAN, 2009. p. 20)

Nem todos, porém, curvavam-se à maestria do esporte. Ainda na segunda década do século XX, havia quem insistisse contra o jogo, então já tropicalizado, como disse o escritor uruguaio Eduardo Galeano:

Em 1915, a democratização do futebol arrancava queixas à revista Sports, do Rio de Janeiro: “De modo que nós que frequentamos uma Academia, temos uma posição na sociedade, fazemos a barba no Salão Naval, jantamos na Rotisserie, frequentamos as conferências literárias, vamos ao five o'clock... somos obrigados a jogar com um operário, limador, torneiro mecânico, motorista e outras profissões que absolutamente não estão em relação com o meio onde vivemos. Nesse caso, a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão”. (GALEANO, 2015, p. 39)

Por óbvio, o futebol não amalhou apenas críticas em seu desembarque no Brasil, como demonstra o antropólogo Roberto DaMatta:

Apaixonados pelos valores que o esporte implicitamente demandava dos seus praticantes – o esforço físico, a competição moderna balizada por normas explícitas que conduziam ao fair-play ou “espírito esportivo” –, os jovens trouxeram o futebol para suas fábricas e clubes, espaços onde o jogo ajudava a disciplinar os corpos, esfriando as mentes e aplainando os corações, protegendo-os de ideologias subversivas e fazendo-os obedientes às suas regras. Pois diferentemente de outras instituições, o futebol tem a capacidade de unir muitas dimensões simbólicas na sua invejável multivocalidade, sendo a um só tempo, jogo e esporte, ritual e espetáculo, instrumento de disciplina das massas e evento prazeroso. Algo que desperta arroubo, mas determina treinamento; requer disciplina e, no entanto, pressiona para a vitória a qualquer custo. Acima de tudo, porém, o futebol obriga respeito por suas regras, essas normas simples não podem mudar durante a partida e devem valer para todos, regras que institucionalizam, agenciam e legitimam o campo do esporte como um domínio especial e autônomo da vida social. (DAMATTA, 2006: 139)

Se a crônica busca inspiração em assuntos mundanos e rotineiros, o futebol, no Brasil, é destaque em tal coleção de fatos. Motivos não faltam aos cronistas, portanto, para empregar sua verve no esporte.

### 3. A CRÔNICA

Quando os jogadores brasileiros fazem arte do esporte que praticam, a expressão desses momentos nem sempre ganha registros à altura. Comparativamente, uma prática tão presente na vida do país tem pouquíssimos reflexos na sua arte – é raro o cinema e o teatro brasileiro tratarem do tema, assim como são escassas as pinturas. Talvez a música seja mais prolífica. Certamente é bem mais do que a literatura. Ainda assim, é possível encontrar livros dos mais variados gêneros sobre futebol – felizmente mais e mais autores em suas obras têm se ocupado deste fascinante aspecto da identidade nacional. Em seu essencial livro de 1967, Milton Pedrosa cita várias vezes em que o futebol fez parte de obras de escritores brasileiros. A lista é longa e forma uma seleção de craques como Carlos Heitor Cony, Monteiro Lobato, Thiago de Mello, José Lins do Rego e outros, mas em contos, poesias, romances. E no teatro, em peças de Arnaldo Faro e Silveira Sampaio, Artur Maia, Thomas Mazzoni e Oduvaldo Viana Filho.

É, porém, depois de 1940 que o futebol começa a atrair a atenção de maior número de autores brasileiros. Os trabalhos predominantes pertencem à categoria de crônica: raros às de romance, conto, poesia, teatro, cinema e ainda menos os que relacionam o tema à medicina, ao direito ou às artes plásticas. (PEDROSA, 1967, p. 15)

Já o cronista tem a liberdade de explicitar seu juízo sobre os acontecimentos – podem, inclusive, ser os mesmos acontecimentos de que o repórter trata. No caso de uma partida de futebol, por exemplo, o cronista não tem a menor necessidade de se ater aos aspectos informativos do jogo, como: quantos e quais jogadores foram advertidos pelo árbitro, o tempo em que foram marcados os gols, quantas pessoas assistiram ao espetáculo, número de passes certos e de chutes ao gol etc. Não existe proibição de a crônica informar acontecimentos, mas fazê-lo, pura e simplesmente, não é sua função. Ganha o leitor, que pode se informar pelo noticiário sobre a partida e experimentar o texto diferente que o cronista tem a oferecer e que vai além do mero registro, buscando, mais do que isso, uma recriação dos fatos do jogo e de outros, análogos ou não à partida.

Para o professor Jorge de Sá (2008, p. 9), a crônica e o conto têm fronteiras próximas, separadas pela densidade da linha divisória. Sá explica que o contista trabalha a fundo a construção do personagem, do tempo, do espaço e da atmosfera do

fato, enquanto o cronista age com mais liberdade, “dando a impressão de que pretende ficar apenas na superfície de seus próprios comentários, sem ter sequer a preocupação de colocar-se na pele de um narrador”. Tal narrador é personagem, muitas vezes. Na crônica, segundo De Sá, invariavelmente narra quem escreve, dando ares de reportagem ao texto. Também sobre a crônica, não necessariamente a de futebol, Davi Arrigucci Jr. (1987, p. 51) diz que sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo.

Lembrar e escrever: trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido – uma definição que se poderia aplicar igualmente ao discurso da História, a que um dia ela deu lugar. (...) Presa ao calendário dos feitos humanos e não às façanhas dos deuses (...), a crônica pode constituir o testemunho de uma vida, o documento de toda uma época ou um meio de se inscrever a História no texto.

(...) Como notou Benjamin, o historiador escreve os fatos, buscando-lhes uma explicação, enquanto que o cronista, que o precedeu, se limitava a narrá-los, de uma perspectiva religiosa, tomando-os como modelos da história do mundo e deixando toda explicação na sombra da divindade, com seus desígnios insondáveis. Mas ao narrar os acontecimentos, assemelhava-se ao seu duplo secular, o narrador popular de casos tradicionais que, pela memória, resgata a experiência vivida nas narrativas que integram a tradição oral e às vezes se incorporam também à chamada literatura culta. Como este, o cronista era um hábil artesão da experiência, transformador da matéria-prima do vivido em narração, mestre na arte de contar histórias. (ARRIGUCCI JR, 1987, p. 51-52)

A crônica, hoje, continua Arrigucci Jr., relata ou comenta fatos corriqueiros do dia a dia, que alimentam o noticiário. Entende-se que justamente por isso Antonio Candido (1992) proclama que não seja um gênero maior. A afirmação, peremptória, chama a atenção. É exatamente o que quer o escritor, usando uma das armas da crônica já no início do livro, para em seguida dar “graças a Deus” pelo fato de a crônica não ser gênero maior e, sendo assim, ficar mais perto de nós. Ao estabelecer crônicas de futebol em jornais e revistas como objeto deste estudo, não posso concordar mais com Candido:

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (...) vamos pensar um pouco na própria crônica como gênero. Lembrar, por exemplo, que o fato de ficar tão perto do dia a dia como quebra do monumental e da ênfase. (...) Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a

dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas fantásticas, – sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. (CANDIDO, 1992, p. 13, 14)

Como ensina Antonio Candido, a crônica não nasceu com o jornal, embora tenha florescido junto com ele, quando se tornou cotidiano, de grande tiragem e de preço relativamente acessível. Pela naturalidade com que se aclimatou e pela originalidade com que se desenvolveu aqui, Candido considera que “se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro” (1992, p. 15). A afirmação de Antonio Candido é corroborada por outros autores.

Definida como uma mescla de literatura, jornalismo, vida social e cotidiana, sem um compromisso mais perene com o fato, é um dos poucos gêneros literários tipicamente brasileiros. É interessante observar que nos demais países o folhetim não se transformou em crônica, aproximando-se mais do gênero conto. Uma hipótese cabível para este fenômeno é que o leitor brasileiro de jornais se identificou com o escrito, aceitando de forma mais pacífica o tom jocoso, satírico, debochado e até certo ponto cruel, características típicas das crônicas.

O vínculo entre a crônica e os jornais – e posteriormente as revistas – nunca se desfez. Provavelmente a crônica tenha surgido como uma necessidade de ajuste do campo literário brasileiro. Explica-se: como o contingente populacional letrado era significativamente pequeno, os escritores brasileiros eram obrigados a buscar alternativas para obter seus rendimentos. Desta forma, a crônica surge como um complemento à carreira dos grandes nomes da literatura nacional. (CAPRARO, DE FREITAS JUNIOR, 2012, p. 12-13)

Talvez seja preciso retornar bastante no tempo para, antes de estabelecer a crônica no jornalismo, lembrar como nasceram as notícias e como eram veiculadas no meio impresso. A viagem nos faz voltar séculos no tempo, até 1609, época do Sacro Império Romano-Germânico, onde circulou, em Bremen, o primeiro jornal. Outros surgiram nos anos seguintes, impressos, além de em alemão, também em francês e inglês, para serem exportados.

A imprensa londrina começou em 1621, com a *Current of General News*. Paris esperou mais dez anos para ter sua *Gazette*.

Nos primeiros jornais, a notícia aparece como fator de acumulação de capital mercantil: uma região em seca, sob catástrofe, indica que certa produção não entrará no mercado e uma área extra de consumo se abrirá, na reconstrução; a guerra significa que reis precisarão de armas e de dinheiro; uma expedição a continentes remotos pode representar a possibilidade de mais pilhagens, da descoberta de novos produtos ou de terras próprias para a expansão de culturas lucrativas, como a cana-de-açúcar e o algodão. (LAGE, 1993, p. 10-11)

Conforme Lage (1993), era pequeno o investimento para montar e imprimir um jornal, o que fez essa mídia popularizar-se logo. Já existia o sistema de assinaturas: com o preço pago pelos leitores, pagava-se papel e tinta. A Revolução Industrial, entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX, contribuiu para a popularidade da imprensa e para o fim da censura oficial.

No Brasil, a imprensa nasce em maio de 1808, quando o príncipe-regente João VI, rei de Portugal, Brasil e Algarves funda a Imprensa Régia. Segundo Juarez Bahia (1990), o primeiro jornal do Brasil é o *Correio Braziliense*, lançado em junho daquele ano pelo diplomata e jornalista Hipólito José da Costa, que o manda imprimir em Londres, onde estava exilado.

Segundo Nelson Werneck Sodré (1966), nos anos que se seguiram outros jornais surgem, como *O Diário do Rio de Janeiro*, o *Diário de Pernambuco*, o também pernambucano *Jornal do Commercio*, *O Estado de S.Paulo*. No Rio Grande do Sul, o primeiro jornal é a *Gazeta de Alegrete*, de 1882. Entre o fim do século XIX e o começo do século XX as primeiras revistas (*Revista Illustrada*, *Revista da Semana* e *Fon-Fon*) surgiam. Este período de mudança de século marca também a chegada do futebol ao Brasil.

O começo dessa história, porém, foi árduo. Segundo o jornalista Paulo Vinicius Coelho (2003), durante todo o século passado, as redações que lidavam com esportes toureavam também o preconceito de que aquilo era leitura de pobre. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menos poder cultural e, conseqüentemente, ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar publicações sobre o assunto.

Ainda assim, nos primórdios da cobertura esportiva, eram as crônicas e não as reportagens que embalavam os sonhos dos aficionados pelo esporte, como mostra o excerto versando sobre o Fla-Flu (termo de paternidade registrada pela crônica futebolística de jornal).

Bem, o “Fla-Flu” nasceu quarenta minutos antes do nada, como diria Nelson Rodrigues. Não há clássico em canto nenhum do Brasil que reúna tanta história, e isso também é fruto da maneira como se fazia jornalismo no Rio de Janeiro da época. Importava menos a informação precisa. Os cronistas cuidavam mais do personagem e de suas histórias, eventualmente romaneando-as. (COELHO, 2003, p. 17)

Dessa maneira, ao incluir, aos poucos, o futebol como atração em suas páginas, a crônica esportiva adicionou a seu cardápio o tempero brasileiro que lhe faltava.

Assim, a crônica, como outros documentos escritos, em função da sua circulação restrita a uma minoria alfabetizada, foi nos seus primórdios um instrumento de formação de opinião – sobre política, cultura, futebol, entre outros – de uma elite. Tomá-la como documento histórico pressupõe a compreensão desse seu caráter particular de memória. Ou seja, do lugar social e político em que ela é produzida, assim como do universo da sua circulação e recepção.

Ao mesmo tempo, não podemos ignorá-la ou reduzi-la a algo insignificante. De algum modo, mesmo que não acessado pela maioria da população, a crônica era produtora e reprodutora de imagens e sentimentos de brasilidade, sobretudo em função do quadro de rápidas transformações que experimentava o país. (RIBEIRO, 2012, p. 25)

O pesquisador Marcelino Rodrigues da Silva (2006) relembra Mario Filho e constata que a grande fonte de informação sobre jornalismo esportivo e crônicas sobre o assunto nos primeiros anos de futebol no Rio de Janeiro são os álbuns de recortes do primeiro goleiro da Seleção Brasileira, o atleta do Fluminense Marcos Carneiro de Mendonça. Marcelino observa que os recortes de um América x Fluminense de 1911 enchiam quase duas páginas do álbum. Já em 1917, eram oito as páginas dedicadas ao encontro dos mesmos dois clubes. A cobertura do Campeonato Sul-Americano de 1919, disputado no Rio de Janeiro, ocupa quase cem páginas de recortes de jornais e revistas.

Com o aumento do espaço dedicado pela imprensa ao futebol, houve também um relativo desenvolvimento dos recursos de representação utilizados na cobertura dos acontecimentos esportivos. No início da década, os textos eram geralmente curtos, com uma linguagem altamente padronizada e uma estrutura textual fixa, que apenas raramente apresentava variações. À medida que as matérias se tornaram mais longas, a linguagem e as estruturas textuais se diversificaram e novas formas de abordagem do esporte foram, aos poucos, sendo exploradas. O vocabulário polido e o tom laudatório foram sendo timidamente invadidos pelo humor, pela presença explícita da subjetividade dos cronistas, pela violência dos debates inflamados pelas rivalidades clubísticas e regionais etc. (DA SILVA, 2006, p. 42-43)

Já Massaud Moisés confirma que a crônica como gênero literário nasce no século XIX, pelas teclas do jornalista Jean Louis Geoffroy, do *Journal des Débats* (MOISÉS, 1999, p. 132). Antonio Candido marca o nascimento da crônica no Brasil “há uns 150 anos, mais ou menos”.

Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou ferrar o chão da cozinha. Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. (CANDIDO, 1992, p. 15)

No Brasil, portanto, que é o que nos interessa, leitores e crônica convivem desde a segunda metade do século XIX – à época, o espaço destinado a esses textos era o dos rodapés dos jornais. “Antes de ser crônica propriamente dita foi ‘folhetim’, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias”, como diz Antonio Candido (1992, p. 15).

Ocorre ainda o limite de espaço, uma vez que a página comporta várias matérias, o que impõe a cada uma delas um número restrito de laudas, obrigando o redator a explorar da maneira mais econômica possível o pequeno espaço de que dispõe. É dessa economia que nasce sua riqueza estrutural. (DE SÁ, 2008, p. 8)

Jorge de Sá apresenta Paulo Barreto (1881-1921, mais conhecido pelo pseudônimo João do Rio) como o protótipo do cronista brasileiro. Segundo o professor, João do Rio não se limitava a esperar as informações para depois redigir as reportagens. Diferentemente de muitos de seus colegas, ele visitava os locais dos acontecimentos para investigá-los, dando vida ao texto.

(...) subindo morros, frequentando lugares refinados e também a fina flor da malandragem carioca, João do Rio (...) construiu uma nova sintaxe, impondo a seus contemporâneos uma outra maneira de vivenciar a profissão de jornalista. Mudando o enfoque, mudaria também a linguagem e a própria estrutura folhetinesca.

Com essa modificação, João do Rio consagrou-se como o cronista mundano por excelência, dando à crônica uma roupagem mais “literária” (...) (DE SÁ, 2008, p. 8)

Antonio Candido (1992, p. 15) explica que a crônica ganhou sua própria cara aos poucos, à medida em que o folhetim “foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje”.

Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro. (CANDIDO, 1992, p. 15)

Candido (1992, p. 19) aponta que a graça, a importância e a popularidade da crônica estão justamente em sua leveza: “Quero dizer que por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem mais do que um estudo intencional a visão humana do homem na sua vida de todo o dia”.

Pode-se notar, portanto, que desde o começo a crônica foi tratada como gênero híbrido entre jornalismo e literatura. De fato, muitas vezes a crônica oferece tratamento literário a notícias, uma espécie de comentário sobre fatos vistos pela lente do autor. E nem é preciso limitar-se à veracidade dos fatos, à controversa imparcialidade jornalística. O cronista, afinal, dispõe de liberdade com a qual o repórter não conta: desde que mantenha alguma referência a acontecimentos reais, desde que algo que transcorreu no tempo em que vivemos seja relatado, o cronista pode usar dos fatos para construir ficção. E, o melhor de tudo, o cronista pode abandonar o tom sério imposto ao jornalista na narração do factual para adotar o tom mais franco e despojado de uma conversa de bar, de um bate-papo entre amigos.

Por isso a sua sintaxe lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito. Dessa forma, há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases frouxas, sem a magicidade da elaboração, pois ele não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas recriado. O coloquialismo, portanto, deixa de ser a transcrição exata de uma frase ouvida na rua, para ser a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata. (DE SÁ, 2008, p. 11)

No começo do século XX, os fatos semanais visitados pelos cronistas passam a incluir o imberbe jogo de futebol, que começa a ganhar seções e páginas a mostrar os demais esportes que o público se dedicava a acompanhar àquela época, como remo e turfe, principalmente. Em seu começo, no Brasil, o futebol ainda chamava a atenção de pouquíssima gente.

“Futebol não pega, tenho certeza; estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho.” Provavelmente nenhum palpite de comentaristas antes de qualquer copa do Mundo foi tão furado quanto o do escritor Graciliano Ramos no início do século XX. Graciliano parecia convencido de que o jogo dos ingleses não iria conquistar adeptos no Brasil. Talvez o maior engano da história do esporte brasileiro. (COELHO, 2014, p. 7)

A aposta de Graciliano Ramos não se pagou porque, no futuro, a banca cobriu com sobras seu palpite quando se descobriu a força que o esporte ganhou no país com o passar do tempo – embora o escritor alagoano não deixasse de ter razão quando emitiu sua predição. O futebol, afinal, era mesmo muito incipiente no país àquela época.

Nos primeiros anos do esporte no Brasil, porém, todo o equipamento adequado para a prática do jogo tinha de ser importado. Charles Miller, como se sabe, trouxe as primeiras bolas, além de uma bomba para enchê-las e parte dos uniformes de dois times ingleses. Em 1900, a Casa Fuchs, que vendia arreios ingleses para cavalos, apetrechos para pesca e artigos esportivos, passou a importar bolas de futebol, o que facilitou as coisas. No final da primeira década de século XX, os clubes ainda reclamavam que o governo mantinha em níveis altíssimos os impostos sobre importação de produtos ligados ao futebol, como redes para gols, bolas e chuteiras. Não surpreende, portanto, que o futebol, em seus primórdios brasileiros, demorasse a se difundir classes abaixo. (GUTTERMAN, 2009, p. 34)

Ainda sobre a pouca importância dada ao futebol no começo do século XX, o jornalista Paulo Vinicius Coelho (2014, p. 7-8) explica que nos primeiros anos de cobertura nem empresários de Comunicação nem jornalistas e nem o público haviam descoberto o tamanho que o jogo viria a ganhar no futuro. Se nem o remo, à época o esporte mais popular do país, ganhava manchetes, por que o futebol haveria de merecer destaque? Na primeira tese de doutorado sobre futebol defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ivan Cavalcanti Proença ajuda a explicar como a indiferença com o futebol refletia-se nas redações de jornal àquela época.

Velhos jornalistas gostam de contar histórias. E uma das preferidas é em torno dos então jovens repórteres que começavam carreira. Para os mais ignorantes, os semianalfabetos, neste início, estava sempre reservada uma alternativa: “vai fazer polícia ou futebol”. (PROENÇA, 1981, p. 27)

Mesmo depois de avançar décadas século XX adentro, um dos grandes nomes da crônica esportiva brasileira lançava dúvidas sobre a grandeza do futebol em solo brasileiro.

Duvidar foi o esporte preferido até mesmo de gente experiente, que vivia de escrever para os cadernos especializados, já no meio do século XX. João Saldanha fez uma previsão no final dos anos 1960, quando um aventureiro resolveu lançar não um caderno, mas uma revista inteiramente dedicada ao futebol. *Placar* nunca sairia dos primeiros números, imaginava Saldanha, que prestou inestimáveis serviços ao esporte brasileiro. (COELHO, 2014, p. 8)

Ainda conforme Paulo Vinicius Coelho, o interesse surgiu primeiro em São Paulo, onde o jornal *Fanfulla* dedicava páginas à divulgação de esportes. Depois, o interesse começou a crescer também no Rio de Janeiro, o que acabou impulsionando o futebol nos demais Estados.

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade.

(...) Assim, revistas e jornais de esportes foram surgindo e desaparecendo com o passar dos anos. No Rio de Janeiro, a Revista do Esporte viveu bons anos entre o final da década de 50 e o início dos anos 60. Viu nascer Pelé e o Brasil ganhar dois títulos mundiais. Viu o futebol, seu carro-chefe, viver momentos de estado de graça. E nem assim sobreviveu às adversidades.

(...) Só no fim da década de 1960 os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. (...) Dessa época para cá, os principais jornais de São Paulo e do Rio lançaram cadernos esportivos e deles se desfizeram como se se tratasse de objeto supérfluo. Gastar papel com gols, cestas, cortadas e bandeiradas nunca foi prioridade. Nem no Brasil, dito país do futebol, que só teria revista esportiva com vida regular nos anos 1970. A Itália, por sua vez, lançava seu primeiro exemplar de revista dedicada exclusivamente aos esportes em 1927. A Argentina também. Países com muito mais vocação para o assunto, mesmo que esta fosse muito mais cultural do que esportiva. (COELHO, 2014, p. 9-10)

Apesar do descrédito, o futebol rendia assunto. Contra (como, no início, muitos cronistas demonstravam ser) ou a favor, não tardaram a surgir os primeiros textos sobre o assunto. O espaço então dedicado aos esportes era tímido e merecia pequenas colunas, em um misto de indisponibilidade de espaço e falta de interesse.

A população, portanto, apaixonou-se ainda mais pelo futebol depois da primeira conquista da Seleção Brasileira. A Seleção que havia disputado seu primeiro jogo no Estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, em 1914. Foi uma partida amistosa contra um modesto time inglês, o Exeter City, que o quadro brasileiro aparentemente não encontrou dificuldade em vencer por 4 x 0. Contudo, foi só a partir do começo dos anos 1940 que o futebol passou a ganhar relatos apaixonados em espaços cada dia maiores. Nos diários cariocas, especialmente. E com colunistas como Mario Filho e Nelson Rodrigues. (COELHO, 2014, p. 15-16)

Valoriza-se então a diversidade, tanto de temas quanto de conteúdos presentes no gênero crônica. Singela, enxuta, breve (o suficiente para que o leitor fique ansioso para ler a próxima), recorrente (quase sempre, será sucedida por uma próxima), a crônica guarda sua especificidade: tem um caráter provisório, inacabado, de momentaneidade. Ao contrário do romance que apresenta um desfecho após o clímax, ou do conto que não tem um sentido contínuo, a crônica se auto-ajusta, pois, do presente (aquela que foi publicada hoje) se expõem os pré-requisitos para as próximas que virão. Ela pode prender tanto quanto um fenômeno cultural tipicamente brasileiro que iria surgir décadas depois: as telenovelas.

A relação do esporte com a imprensa, especificamente com a crônica esportiva escrita, desde o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, demonstra vínculos interdependentes imprescindíveis para análises pautadas no binômio sociocultural. Observando a interseção de tais campos – literário e esportivo – visualizar-se-á, no transcorrer do século XX, um processo dinâmico, em constante alteração, ligado a variadas e ecléticas questões importantes na história da sociedade brasileira, como a transição de níveis sociais, a assimilação de bens culturais europeus, o nacionalismo, a formação de identidades, a autonomia da arte, a hegemonia esportiva do futebol, e a profissionalização (tanto do esporte quanto da própria crônica especializada). (CAPRARO, DE FREITAS JUNIOR, 2012, p. 13)

Os relatos apaixonados e o espaço cada dia maior referidos dizem respeito às reportagens, ao material jornalístico produzido sobre os clubes e seus feitos, sobre grandes partidas e a disputa de campeonatos e ao dia a dia dos jogadores, em moldes parecidos com os que conhecemos hoje. Textos sobre futebol em periódicos já eram, embora em pequeníssimas doses, produzidos desde a primeira década do século XX.

#### 4. AS CRÔNICAS DE FUTEBOL

De acordo com a tese defendida em 1980 por Ivan Cavalcanti Proença, o jogador brasileiro e sua evolução devem ser compreendidos em sua importância, pois contribuíram definitivamente, com seu poder criativo e sua arte, para, entre outras coisas, fazer com que todos os acompanhassem à medida em que subiam de nível. Segundo Proença (1981), neste panorama a crônica esportiva não foi exceção.

O que mais contribuiu para este nosso trabalho, quanto ao exercício dos cronistas de futebol, foi a constatação de que muitas dessas crônicas, antes de impressões ou comentários sobre um jogo, um jogador, etc., na verdade são Literatura, a partir do nosso conceito de crônica em presença da Literariedade. Acresce que, além de todo esse artesanato, somado à preocupação de alguma implicação social, nota-se nesses cronistas também a manipulação de vocabulário específico do mundo do futebol – e muitos, até, criados por eles mesmos (ou, pelo menos, divulgados por eles), metáforas e símiles e hipérbolos bem “casadas” com o clima do futebol e dos jogadores. (PROENÇA, 1981, p. 28)

Mosko (2012, p. 86-91) avança no assunto, argumentando que são mesmo as características e o estilo da crônica que guardam ligação mais estreita com o futebol. O autor afirma que a crônica é, dentre os gêneros literários, o que tem proximidade mais remota com o futebol, citando literatos “de renome na sociedade brasileira” como principais referências até a década de 1920 que dedicaram crônicas a este tema em algum momento. Entre os citados, três autores com crônicas analisadas nesta dissertação – João do Rio, Lima Barreto e Coelho Netto. Além deles, Mosko elenca Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, Graciliano Ramos e Monteiro Lobato.

Mosko avisa, porém, que essas crônicas não eram crônicas esportivas, pois essa modalidade ainda não estava (àquela época) consolidada como subgênero. E lembra que, ainda durante os primeiros anos do século XX, o futebol era um esporte incipiente, e disputava com outras modalidades como ciclismo, remo e turfe a preferência do público. Naqueles tempos de intelectualidade brasileira como círculo em formação, não existiam cronistas especializados em esporte – menos ainda aqueles superespecialistas num único desporto. As crônicas de então eram de temática associada ao cotidiano – “tratava-se ainda do colunismo social”, conforme Mosko.

Assim, somente a partir de Mario Filho e seu círculo de influências, centrado no *Jornal dos Sports*, é que surge a crônica esportiva propriamente dita.

Além da reflexão sobre a identidade nacional, outra característica típica das crônicas, independente ao período, é o envolvimento emocional. Ora na tentativa de um discurso racionalizado, ora com uma proposital passionalidade, "transbordando" sentimentos, principalmente o de paixão. É raríssimo encontrar literatos sem um engajamento definido a respeito do futebol. No momento inicial, por exemplo, com a tensa discussão intelecto-científica sobre a sensatez – ou não – da juventude elitista, que aderiu quase consensualmente ao esporte de origem inglesa; posteriormente com os posicionamentos sobre o significado social do selecionado brasileiro (se era ou não, um símbolo da pátria); e, depois, com o debate acerca da espetacularização (o cronista nostálgico versus o futurista).

Neste caso, as crônicas sobre o futebol ou as crônicas esportivas exerceram (e ainda exercem) o mesmo sentido simbólico da crônica social, cuja proximidade com o objeto e com o cotidiano é fato quase sempre consumado. Com um adendo: a crônica esportiva tem a tendência de aflorar ainda mais os sentimentos e perspectivas, já que trabalha com um elemento onde a paixão não é negada, tampouco tem um significado pejorativo, como na política; ao contrário, é mais do que necessário que o autor tenha um posicionamento, exponha preferências – como a clubística, ou por determinado jogador – mantendo, possivelmente, um vínculo de afeto positivo com determinado grupo de torcedores que se identifica com as suas preferências e de afeto negativo em relação ao outro segmento, aquele que fica contrito com as suas opiniões e preferências. (MOSKO, 2012, p. 87-88)

A concordar com José Carlos Mosko, principalmente no aspecto emocional, de que a crônica esportiva trabalha com os sentimentos de quem dela é personagem e de quem a lê, está Ivan Proença:

A crônica esportiva, em resumo, oferece campo de trabalho que nos permite uma visão global, ampla, do mundo popular/democrático, de nossas gentes e de nossos hábitos, favorecendo a quem as escreve, de uma forma ou de outra, aproximar-se do conceito de atuante, do fazer artístico [...]; chances, assim, à aproximação do realismo crítico – dimensão e força social, participante, humanista (no sentido de "com os pés no chão"), que se pretendem íntimos de quem exerce o ofício de escritor (PROENÇA, 1981, p. 31)

#### 4.1 AQUECIMENTO (1900 A 1930)

Tomo por exemplo a primeira crônica apresentada neste trabalho. Em *O Football*, publicada em 25 de junho de 1905 no jornal *Gazeta de Notícias*, Paulo Barreto, sob seu pseudônimo João do Rio, apresenta a novidade em uma visita ao primeiro clube no Rio de Janeiro dedicado ao esporte – o hoje mais do que centenário Fluminense Football Club.

Sempre atento à sua cidade, João do Rio foi sem dúvida um dos autores que melhor fixou na literatura o Rio de Janeiro da *belle époque*, o Rio que se modernizava, que se queria pôr à altura das cidades da Europa, capital de uma república que precisava de reconhecimento. (BASTOS, 1992,p. 225)

Se fôssemos aproveitá-lo num campo de futebol, João do Rio bem poderia ser um lateral – por transitar dos mais sórdidos aos mais elegantes ambientes da sociedade carioca, ele poderia cumprir as funções de marcar o extrema adversário e aventurar-se em idas ao ataque, com cruzamentos tão precisos quanto seus textos.

O Football  
Areguap, guap! guap!  
Areguap, guap! guap!  
Hurrah! Hurrah!  
Paráboloo!  
Bangu!

Domingo no campo do Fluminense Football Club. Os rapazes brincam cheios de entusiasmo, o campo estende-se igual e verde como uma larga mesa de bilhar. Do lado direito, os pedreiros trabalham ativamente na construção das galerias e arquibancadas que devem ficar prontas antes de 14 de julho. Moças de vestidos claros perfumam o ambiente com o seu encanto e cavalheiros *sportsmen*, de calça dobrada e sapatos grossos, olham o jogo com ar entendido, falando inglês. Todos falam inglês. Mesmo quando se fala português há para seis palavras nossas três britânicas. *All right!* O sol, que morre no céu de um azul de hortênsia, doira todo o prado de uma luz flava, e os rapazes, uns de camisa riscada, outros de camisa de sangue de boi, colorem violentamente o campo de notas rubras.

Teremos nós um novo *sport* em moda? Não há dúvida. Há vinte anos a mocidade carioca não sentia a necessidade urgente de desenvolver os músculos. Os meninos dedicavam-se ao *sport* de fazer versos maus. Eram todos poetas aos quinze anos e usavam lunetas de míope. De um único exercício se cuidava então: da capoeiragem. Mas a arte de revirar rabos de raia e pregar cabeçadas era exclusiva de uma classe inferior. Depois a moda trouxe aos poucos os hábitos de outras terras, cultivadas temporariamente com delírio. Em doze anos tivemos a nevrose da pelota basca, a hiperestesia da bicicleta, o entusiasmo das regatas e finalmente o *football*, que se prepara agora para absorver todas as atenções. A mocidade, que só falava em pelota, a mocidade dos patins e do ciclismo

nos velódromos, a mocidade admirável dos *clubs* de regatas, fala só dos *matches* de *football*, de *goals*, de *shoots*, numa algaravia técnica, de que resultam palavras inteiramente novas no nosso vocabulário. E como a mocidade é irresistível, eu visito o campo, como amanhã todo o Rio de Janeiro o visitará. Um dos sócios, tão gentil como os outros, faz-me ver a instalação do Fluminense, a secretaria, as salas de banho asfaltadas com chuveiros e duchas, duas – uma para cada partido, as salas de vestir, o *bar*, onde de pé, suando, os *footballistas* bebem *whisky and Caxambu* gelado. Paira no ar a agitação das nevroses. Até os jogadores parecem esperar alguma coisa.

– Nós estamos preocupados, diz o meu guia. A esta hora disputa-se em São Paulo um *match* e ainda não recebemos telegrama.

Pergunto qual a diretoria atual do Fluminense.

– Presidente Francis Walter, um jovem inglês que ama o Brasil e tem sido a própria dedicação para o progresso do club; vice-presidente Guilherme Guinle; secretários Carlos Sardinha e Américo de Castro; tesoureiros Luiz Borgerth e Raul Rocha e, no *ground committee*, Victor Etchegaray *captain* e o primeiro jogador do Rio, Oscar Cox, Mario Rocha, Félix Frias, Emilio Etchegaray.

– Era interessante saber as origens desse jogo no Rio, agora que seu sucesso começa...

– Nada mais fácil. Como sabe, há na Inglaterra dois gêneros de *football*, o *rugby* e o *association*. Este último, mais moderno, é o que indubitavelmente tem tido maior acolhimento noutros países.

– É o adotado na América.

– Os americanos-do-norte são, como os ingleses, os melhores jogadores do *football*. Seguem-se em escala decrescente os dinamarqueses, os húngaros, os holandeses, os franceses, os alemães e os belgas. Só na própria Inglaterra é que se pode ver como o povo adora esse jogo. Para assistir à final da “Taça Inglesa” no Crystal Palace havia 130 mil pessoas! Desses entusiasmos só em New York no campo da universidade de Yale...

Aqui, a primeira tentativa para a adoção do *football* foi feita em 1897. Chegaram a mandar vir... uma bola! Mas a falta de um campo – mal que por muito tempo há de afligir os *clubs* cariocas – foi um grande empecilho. As tentativas sucederam-se sempre infrutíferas até que em 1901, um grupo de jogadores, hoje núcleo do Fluminense, conseguiu, após inúmeros adiamentos, realizar o primeiro *match* a 22 de setembro no campo da Rio Cricket and Athletic Association em Icaraí. Os dois *teams* eram compostos um de brasileiros, outro de ingleses. O *team* brasileiro constava de C. Portella, W. Schuback, M. Frias, O. Cox, M. Vaegely, Victor Etchegaray etc. Os ingleses jogavam de camisa branca, os brasileiros com as camisas de St. George’s, St. Augustin’s e St. Charles’, *colleges* de Inglaterra e de Villa Longchamp da Suíça. Foi um sucesso. Nos domingos seguintes jogaram-se mais dois *matches*. A 18 de outubro partiu para São Paulo um *team* composto de oito brasileiros e três ingleses. Jogaram-se dois *matches*, ambos empates: 2x2 e 0x0. Ainda hoje os paulistas reconhecem o incremento que a ida deste *team* deu ao *football* paulistano. No ano seguinte, outro *team* foi a São Paulo jogar dois *matches*, mas a sorte contrariou os cariocas, obrigados a jogar ambas as partidas com um jogador de menos. O resultado foi o Sport Club Internacional ganhar 3x0 e o Club Athletico Paulistano 1x0. Nessa ocasião fundou-se o Fluminense Football Club que, por assim dizer, está na ponta...

Esta frase popular o meu guia dissera a sorrir. Nós chegaríamos ao balcão do *bar*, donde se divisava o jogo dos *footballistas*. O entusiasmo crescia e em torno da bola amarela era uma conflagração de dorsos rubros e riscados.

– Nessa mesma ocasião, continuou o informante, tirando o chapéu de palha em que se via na fita vermelha e verde o escudo do *club*, também se fundou o Rio Football Club, que se dissolveu após um *match* conosco

em que vencemos por 8x0. Em fins de setembro mandamos um forte *team* a São Paulo jogar três partidas. No primeiro empatamos com o SC Internacional, 0x0. No segundo o CA Paulistano foi batido por 2x1, e no terceiro, contra a expectativa geral, o São Paulo Athletic Clube foi também derrotado por 3x0. O extraordinário resultado animou os jogadores cariocas. Que aclamações quando nos retiramos do campo deixando derrotado o *club* campeão!

– Depois?

– Depois outro galo cantou. O CAP veio ao Rio para derrotar o Fluminense por 3x0 contra 2x0, e quando lá fomos jogar contra os cinco *clubs* da Liga Paulista, obtivemos uma série de derrotas que ainda hoje doem os cariocas. Em 1904 fundaram-se o Football and Athletic Club e o Bangu Athletic Club, que já ocupam lugar saliente. Atualmente há uma infinidade de *clubs* que perecerão se não encontrarem o principal elemento que é o campo. Os que têm campo preparado são Rio Cricket and Athletic Club de Icaraí, Paysandu Cricket Club, o do Bangu e o Fluminense. Por estes dias será fundada uma liga destinada a servir e animar os *clubs*.

– O *football* talvez faça mal ao desenvolvimento das sociedades do remo?

– É natural. O *football* é um exercício que não pede os grandes esforços exigidos de uma guarnição de regatas nem tampouco requer o longo tempo de ensaio do *rowing*... O nosso primeiro *team* joga em São Paulo agora três matches. A 14 de julho chegará aqui o primeiro *team* do Paulistano e nesse dia, com as arquibancadas prontas, o Fluminense abrirá suas portas ao público. Será decerto a inauguração oficial de mais um *sport* naturalizado.

Tínhamos descido, ladeando o campo. A bola amarela voava impelida pelos pés e pelas cabeças dos dois *teams*. As faces afogueadas, as mandíbulas inferiores avançando numa proeminência de esforço, os rapazes atiravam-se cheios de ardor para a vitória. De repente trilava um apito. Os bandos paravam. O juiz avançava, um dos rapazes soltava a bola e de novo os *teams* se entrelaçavam na ânsia de atirar a bola no campo alheio.

Vi de perto os jovens jogadores, Em alguns o desenvolvimento muscular das tíbias é inacreditável. Faz a gente pensar sem querer num pontapé, num *shoot*, como eles dizem. Esse pontapé, ou esse *shoot*, passará para o outro mundo com facilidade um homem forte.

O meu guia, porém, abandonara-me. A porta estacara uma negra parelha de cavalos normandos e entrava no campo, com a face escanhoadada e uma perfeita elegância brumeliana, o vice-presidente. O céu, já de todo sem sol, tinha no poente nuances de nácar e de madrepérola. As sombras desciam lentamente e só a mocidade, indiferente à tristeza do ocaso, gritava no verde campo vasto o impetuoso prazer da vida. (MACHADO et al. 2014, p. 23-29)

Esta crônica foi escolhida justamente por executar a função de apresentação do futebol. Não foi o primeiro texto sobre o futebol publicado no Brasil – evidentemente, esse há de ter sido um texto jornalístico, em formato de notícia, estruturado e definido, no jornalismo moderno, segundo Lage (1993, p. 16) como “o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”. Não é, portanto, o caso da crônica de João do Rio.

Em seu texto, o autor usa ironia ao descrever que o jogo é acompanhado por

damas que perfumam o ambiente e esportistas de ar entendido. Aliás, a opção de João do Rio por *sportsmen* em vez de desportistas é clara demonstração de ironia já que, em seguida, ele faz notar que todos falam inglês e desfila uma lista de termos do esporte neste idioma, como o já mencionado *sportsmen, sport, football, clubs, matches, goals, shoots*, além da expressão *all right*. Como informa o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o vocábulo clube já era corrente desde 1799; esporte desde 1880, futebol existia desde 1889, embora esta grafia só tenha sido adotada em larga escala na década de 1930; gol ganhou este registro em 1904 e chute, em 1908. Algumas escolhas de João do Rio, portanto, levam em conta o vocabulário a que fora apresentado quando de sua visita à sede do Fluminense FC.

Mas, se por um lado, o próprio veículo – o jornal – obriga o autor a esta excessiva referencialidade, por outro observa-se uma certa independência que se constrói em pequenos espaços criados por comentários e digressões que não se ligam necessariamente ao tema central do texto, mas apenas dialogam com ele. É assim que João do Rio expõe e fixa hábitos e novidades que vão surgindo. Comenta o aparecimento de palavras e expressões novas (como as ligadas aos *sports*, em geral de origem inglesa), e também a nova moda de se dançar o tango (a que corresponde o desaparecimento do maxixe). (BASTOS, 1992: 229)

O texto de João do Rio prossegue utilizando o que Proença caracteriza como narrativa curta, que fixa o flagrante e as emoções daquele momento, com estrutura próxima à do conto, mas de temática variada e liberta de enredos, vários personagens, antagonismos e involuções.

Conforme Raúl Antelo (1992, p. 159), em seus textos, João do Rio manifesta sua autonomia quanto à estética jornalística predominante. Em suas crônicas, o autor não tem interesse pela função historiográfica oficial. Escreve com independência da forma, sem demonstrar obediência às normas. “João do Rio mostra que, para ele, o relevante é a intenção que estrutura o objeto, a semantização da prática de cronista que determina uma atitude produtora.”

Completa a visita, João do Rio encerra a crônica como o estilo pede: um passeio pela novidade, sem se perder na necessidade da exclusiva objetividade da informação – sem deixar, contudo, de fornecer algumas, mas preocupado, principalmente, em fornecer ao leitor seu ponto de vista sobre o que é o esporte, quem o pratica e onde se pode praticá-lo. É notável que saber sobre o esporte é muito mais importante do que o jogo que era disputado durante a ida do cronista ao clube.

Já na crônica seguinte, um exemplar da década de 1910, a opinião do cronista mostra-se mais acentuada, chegando a se constituir em uma tentativa de angariar a simpatia do leitor para partilhar o ponto de vista do autor. O carioca Afonso Henriques de Lima Barreto via o futebol, importado por Charles Miller para o Brasil, como uma intromissão inglesa, uma imposição classista. A crônica “Sobre o Football” foi publicada em 1918 no jornal *Brás Cubas*. Inimigo declarado do futebol, ainda assim Lima garante escalação no escrete de bambas selecionado nesta dissertação. Contrário ao jogo como era o escritor, penso logo na única posição em que poderia fazer parte desse time hipotético: justamente aquela que é antítese do jogo, a que impede o cumprimento da meta do esporte – sim, Lima Barreto será o goalkeeper, mais tarde apenas quíper, guarda-metas e, por fim, goleiro.

Logo no “pontapé inicial” o cronista se posiciona contra esportes em geral e deixa claro que, se leu sobre o assunto, foi porque costuma ler todo o jornal.

(...) Lima Barreto acusa o futebol de despertar paixões e incontida violência, além de igualar homens e mulheres que, no papel de jogadores e torcida, comportavam-se de modo chocante, deixando de lado velhos pudores e a necessária compostura. Ou seja, a questão de Lima Barreto contra o futebol tem como base a percepção de que o esporte bretão rompe com as velhas etiquetas que regulavam o comportamento entre homens e mulheres, ricos e pobres, jovens e velhos, negros e brancos, fazendo com que todos fossem englobados por sua implacável lógica de disputa regulada e igualitária. (DAMATTA, 2006, p. 141)

As diatribes continuam quando Lima Barreto assegura que não consegue enxergar o mínimo de seriedade no futebol, e reclama que até os títulos de jornais sobre o assunto são “espalhafatosos”. Fica pior, ao “informar” o leitor de que as disputas Harvard x Yale são acompanhadas por médicos e ambulâncias, e chamar o ginásio de Harvard de “sanatório de torturas físicas”.

A cena visível do futebol elitista dos inícios teve seu promotor inflamado no beletrista Coelho Neto, o “último dos helenos”, que lhe deu ares e avatares olímpicos, e seu crítico mais implacável no romancista mulato Lima Barreto, que viu na adoção do esporte inglês no Brasil a degradação de cultura intelectual, a afirmação de um poder tiranizador e truculento, e uma sobrecarga racista que a abolição havia atenuado. Nem um nem outro são tão óbvios quanto pode parecer à primeira vista. (...)

Em sua guerra ao futebol, Lima Barreto chega a dizer que a redução da atividade intelectual ao tal “jogo de pontapés” produziria uma possível oxicefalia, espécie de alteração antropológica afetando o crânio, que assumiria a forma alongada, cônica ou pontuda de “cabeças de chuchu” ou “em pão-de-açúcar”, a se disseminar hereditariamente pelas gerações. (WISNIK, 2008, p. 204)

Diferentemente da troça elegante e divertida de João do Rio, Barreto demonstra desprezo quando cita o uso de estrangeirismos no texto sobre futebol. Contudo, consegue admirar-se ao encontrar “chutada” no relato jornalístico. Para Osman Lins, citado por Eliane Vasconcellos, Lima, escritor engajado, não queria jamais pecar por omissão.

Segundo Osman Lins, o que Lima Barreto temia era “silenciar-se, omitir-se”. Registra quase todos os acontecimentos de então e expõe sua opinião, atitude que encontra consonâncias em suas ideias literárias espalhadas tanto em sua obra de cunho ficcional quanto jornalístico. Apregoava uma literatura militante, que tratasse dos problemas do seu tempo, das “cogitações políticas, religiosas, sociais e morais”. Em “Literatura Militante”, diz que um autor deve se ocupar “com o debate das questões da época”, tomando partido, emitindo opiniões. (VASCONCELLOS, 1992, p. 256)

Emitir opiniões, de fato, foi algo a que Lima Barreto jamais se furtou. É uma opinião sua que dá o pontapé inicial na segunda crônica analisada nesta dissertação.

#### Sobre o Football

Nunca foi do meu gosto o que chamam *sport*, esporte ou desporto; mas quando passo longos dias em casa, dá-me na cisma, devido certamente à reclusão a que me imponho voluntariamente, ler as notícias esportivas, pois leio os jornais de cabo a rabo.

Nestes últimos dias, todas as notícias sobre um encontro entre jogadores de *football* daqui e de São Paulo não me escaparam. Em começo, quando toparam meus olhos com os títulos espalhafatosos, sorri de mim para mim, pensando: estes meninos fazem tanto barulho por tão pouca coisa? *Much ado about nothing...* Mas logo ao começo da leitura tive o espanto de dar com este solene período:

“As acusações levantadas, então, por certa parte da imprensa paulista – manifestações que estamos já agora dispostos a esquecer, mas que não podemos deixar de rememorar – contra a competência e a honestidade do árbitro que serviu naquela partida, atribuindo à obra sua vitória alcançada por nós, preparou o espírito popular na ânsia de uma prova provada de que, com este ou aquele juiz, os jogadores cariocas estão à altura dos seus valorosos êmulos paulistas e são capazes de vencê-los.”

Diabo! A coisa é assim tão séria? Pois um puro divertimento é capaz de inspirar um período tão gravemente apaixonado a um escritor?

Eu sabia, entretanto, pela leitura de Jules Huret, que o famoso *match* anual entre as universidades de Harvard e Yale, nos Estados Unidos, é uma verdadeira batalha, em que não faltam, no séquito da duas *équipes*, médicos e ambulâncias, tendo havido, por vezes, mortos, e, sempre, feridos. Sabia, porém, por sua vez, o que é o ginásio da primeira, verdadeiro sanatório de torturas físicas; que o jogo de lá é diferente do usado aqui, mais brutal, por exigir o temperamento já de si brutal do americano em divertimentos ainda mais brutais do que eles são. Mas nós?...

Reatei a leitura, dizendo cá com os meus botões: isto é exceção, pois não acredito que um jogo de bola e, sobretudo jogado com os pés, seja capaz de inspirar paixões e ódios. Mas, não senhor! A coisa era a sério e o

narrador da partida, mais adiante, já falava em armas. Puro *front!* Vejam só este período:

“As nossas armas, neste momento, são, pois, as da defesa, e da defesa mais legítima, respeitável, mais nobre possível porque ela assenta numa demonstração pública, esperada com cerca de trinta dias de paciência.”

Não conheço os antecedentes da questão; não quero mesmo conhecê-lo; mas não vá acontecer que simples disputas de um inocente divertimento causem tamanhas desinteligências entre as partes que venham a envolver os neutros ou mesmo os indiferentes, como eu, que sou carioca, mas não entendo de *football*. Acabei a leitura da cabeça e fiquei mais satisfeito. Tinha ela um tom menos apaixonado; tinha o ar dos finais das clássicas discussões jornalísticas sobre arrendamentos ou concessões de estradas de ferro e outras medidas da mais pura honestidade administrativa. Falava na “dura e bem merecida lição para certos jornalistas que não compreendem o espírito que deve mover as suas penas que malbaratam a honra alheia”, etc., etc.

Continuei a ler a descrição do jogo, mas não entendi nada. Parecia-me tudo aquilo escrito em inglês e não estava disposto a ir à estante, tirar o Valdez e voltar aos meus doces tempos dos “significados”. Eram só *backs, forwards, kicks, corners*; mas havia um “chutada”, que eu achei engraçado. Está aí uma palavra anglo-lusa. Não é de admirar, pois, desde muito, Portugal anda amarrado à sorte da Inglaterra; e até já lhe deu muitas palavras, sobretudo termos de marinha: *revolver* vem de “revolver”, português, e *commodore* de “comandante”.

Passei o dia pensando que a coisa ficasse nisso; mas, no dia seguinte, ao abrir o mesmo jornal e ler as notícias esportivas, vi que não. A disputa continuava, não no *ground*; mas nas colunas jornalísticas.

O órgão de São Paulo, se bem me lembro, dizia que os cariocas não eram “cariocas”, eram hebreus, curdos, anamitas; enquanto os paulistas eram “paulistas”. Deus do céu! exclamei eu. Posso ser rebolo (minha bisavó era), cabinda, congo, Moçambique, mas judeu – nunca! Nem com dois milhões de contos!

Esta minha mania de seguir coisas de *football* estava a fornecer-me tão estranhas sensações que resolvi abandoná-la. Deixei de ler as seções esportivas e passei para as mundanas e para as notícias de aniversário. Mas, parece, que havia algum gênio mau que queria, com as histórias de *football*, dar-me tenebrosas apreensões.

Há dias, graças à obsequiosidade de Benedito de Andrade, o valente redator do *Parafuso* e não menos valente diretor de *A Rolha*, mandou-me uma coleção deste último semanário, pelo que já lhe agradei do fundo d’alma.

Todos os dois magazines são de São Paulo, como sabem. Uma noite destas, relendo o número 14 de julho, da *Rolha*, fui dar com a sua seção “esportiva”.

Tinha jurado não ler mais nada que tratasse de tais assuntos, mas a isso fui obrigado naquele número da *Rolha* porque vi o título da crônica – “Rio *versus* São Paulo”. Admirei-me! Pois se o encontro de que já tratei, foi nos primeiros dias deste mês, como é que o Baby já é notícia quase um mês antes? Li e vi tratar-se de outro que nem tivera notícias, e isso é tanto assim de notar que o autor da crônica deixa entender que todos nós tínhamos os olhos voltados para ele. Leiam isto:

“Rio *versus* São Paulo – A Capital Federal está em festas. De vinte em vinte e quatro horas as fortalezas salvam, as bandas de música executam hinos festivos e nas diferentes sedes esportivas o *champagne* corre a rodo como se estivéssemos festejando o último dia de guerra. Nas avenidas, praças ruas e becos, homens já na casa dos cinquenta, matronas escondendo a primavera dos sessenta e crianças ainda mal deabitadas dos cueiros, só falam no grande acontecimento que encheu de júbilo um milhão e pouco de almas nascidas e domiciliadas na encantadora

Sebastianópolis: a vitória do *scratch* carioca... Nas redações, os cronistas esportivos já não dormem há uma semana: são os cumprimentos, as telefonadas, os telegramas, os convites, para almoços e para jantares. Tudo isso... porque depois de dezoito anos de lutas o famoso *scratch* da Metropolitana conseguiu a sua terceira vitória.”

Meu caro Baby: isto deve ser Bizâncio, no tempo de Justiniano, em que uma partida de circo, com os seus “azuis” e “verdes”, punha em perigo o império; mas não o Rio de Janeiro. Se assim fosse, se as partidas de *football* entre vocês de lá e nós daqui apaixonassem tanto um lado como o outro, o que podia haver era uma guerra civil; mas, se vier, felizmente, será só nos jornais e, nos jornais, nas seções esportivas, que só são lidas pelos próprios jogadores de bola adeptos de outros divertimentos brutais, mas quase infantis e sem alcance, graças a Deus; dessa maneira, estamos livres de uma formidável guerra de secessão, por causa do *football*! (MACHADO et al. 2014, p. 59-64)

Lima Barreto finaliza a crônica cometendo o mesmo erro de muitos: o de julgar que apenas os praticantes do futebol e de “outros divertimentos brutais” são leitores de textos sobre esportes. Em outros textos, como lembra Wisnik,

(...) Lima Barreto denuncia o caráter segregador do “esporte bretão”, que “cavou uma separação idiota entre os brasileiros”, insultando, humilhando e alijando “quase a metade da população do Brasil”, isto é, os negros e mulatos. Que, postos fora dele, pagavam também as dízimas para que o governo subvencionasse à larga as ligas do futebol amador. Como essa separação racial não era permitida “no Senado, na Câmara, nos cargos públicos, no Exército, na magistratura, no magistério”, o sistema futebolístico reinstaurava a violência segregacionista que a Abolição teria extinguido.

A afirmação do escritor e promotor da “Liga Brasileira Contra o Futebol” faz ver, ao mesmo tempo, o quanto era impensável, naquele momento, aquilo que, no entanto, começava a se delinear: a insuspeita tomada simbólica do campo futebolístico brasileiro por negros e mulatos. (WISNIK, 2008, p. 204-205)

Capraro (2012) vai na mesma linha, ao afirmar que Barreto era o mais ferrenho crítico do futebol, deixando aflorar em seus textos, “especialmente nas crônicas, a difícil condição social do negro e do pobre”. “As suas crônicas sobre o futebol, em sua maioria, iniciavam com um tom irônico que poderia acabar capturando o leitor mais descuidado ou que não tivesse contato anterior com seus textos”, aponta Capraro (2012, p. 74).

A crônica de Lima Barreto escolhida como parte desta dissertação demonstra a estranheza com o esporte importado e tem justamente nessa dissonância sua importância.

Depois da ranhete de Lima Barreto com o futebol, o texto de um entusiasta do esporte. O carioca Henrique Maximiano Coelho Neto emprega sua verve a serviço do

bom humor em crônica do jornal *A Noite*, de 25 março de 1920. Entusiasta do futebol, Coelho Neto poderia ficar bem tomando conta da outra lateral, com as mesmas incumbências de João do Rio: marcar os avanços dos atacantes adversários pelo lado do campo e apoiar os meio-campistas e atacantes quando o gramado ganhar ares de avenida à sua frente.

A terceira crônica apresentada nesta dissertação também não versa sobre uma partida de futebol específica. Trata, sim, do esporte, já entrado em sua terceira década no país, mas expõe uma comicidade não encontrada nos dois textos apresentados anteriormente.

A presença do futebol na vida de Coelho Neto acabou resultando no que, provavelmente, tenha sido o seu maior infortúnio: a morte prematura, em 1922, do seu filho Emmanuel, com apenas vinte e quatro anos, devido a um acidente dentro dos gramados. "Mano" sofreu uma falta violenta de um adversário que, segundo a crônica da época, fora "imprudente" (NETTO Paulo, 2002: 80-81). A partir deste lúgubre fato o literato se integra aos textos na tentativa de manifestar seu ressentimento – que iria permanecer como característica até o findar da sua existência, no ano de 1934. (...)

Coelho Neto, mais do que um literato engajado, era um homem de ação. Sua produção intelectual sobre os esportes, ao contrário da manifestação da maioria dos outros escritores da sua época, não se deu apenas no plano literário. Seus escritos funcionavam como uma espécie de recurso de divulgação daquilo que o autor adotava e realizava no plano prático. Não era apenas um analista do esporte, mas sim, parte constitutiva do início da sua história no Brasil. (CAPRARO, 2012, p. 80-84)

Coelho Neto vai além de meramente demonstrar uma veia cômica, fazendo uso da graça para introduzir certo erotismo em sua crônica sem ser explícito ou grosseiro (a esposa quer ver seu marido agir como goleador dentro de casa; a ela não interessam os gols marcados nos gramados, ela deseja o atacante desempenhando outras funções).

Bola a Goal!

Que uma mulher se mate porque o marido a despreza por outra, porque a maltrata com injúrias e bordoadas ou porque não lhe dá o necessário à vida, deixando-lhe o lar sem fogo, a despensa vazia, sem, ao menos, o pão e a laranja, que são os últimos recursos, no dizer do povo, é um pouco violento, enfim, compreende-se, mas que, em gesto desprendido e trágico, emborque a taça de veneno por causa de uma bola de couro, é muito!

Pois foi o que se deu aí num subúrbio.

Certa dama, ainda na flor dos anos, desgostou-se da vida e dissolveu-a num vidro de lisol, porque o marido, que aqui ficou, viúvo, dando as cartas, por ser correio, ao deixar a mala da correspondência, em vez de atirar-se amorosamente nos braços da criatura, enfiava os calções e ia para o campo *shootar* a *goal* com o seu *team*.

Bola a *goal*!

A mulher tentou, a princípio, chama-lo à ordem com boas palavras para que ele fizesse *goals* em casa, no seio da família.

O homem prometeu, jurou, mas não houve meio – sempre que investia em arremetida ao *goal* era certo achar-se em *off-side*.

Desesperada, a mulher revoltou-se:

– Isto assim não está direito. Todo mundo faz *goal* em casa, só você é que não pode. Por quê?

– Não sei. Bem que eu *shooto*, mas é aquela certeza. Não me ajeito no campo. Não sei se é falta de treino ou o que é. Lá, não perco bola; aqui, é isto. Quem sabe se não é por causa da grama? Campo muito gramado não serve: a gente *shoota*, a bola emperra, engasga e é isto. Você fica zangada, mas a culpa não é minha. Eu só queria que você me visse jogar lá no outro campo. É um gosto. E não é dizer que jogo só como center-half, não. Jogo em qualquer posição. E aqui é uma vergonha. Você tem razão, não digo o contrário, mas que hei eu de fazer?

A esposa mísera queixava-se a todos do abandono do marido. O homem não pensava em outra coisa – era só a bola, o *goal* no tal campo, os trancos, um inferno!

Às vezes, alta noite, punha-se a berrar, a esmurrar os travesseiros. Ela despertava-o e o monstro, em vez de agradecer-lhe a solicitude carinhosa, ficava aborrecido, amuava:

– Ora você... que mania! Eu estava quase entrando com a bola e você acorda-me!

– Ai! Não havia de acordar... Para os vizinhos pensarem que estávamos brigando e comecem a dizer por aí que vivemos como gato e cachorro. Pois você estava berrando como um danado... Não, tem paciência. Isto não pode continuar assim. Ou você endireita ou eu tomo uma resolução e acabo de uma vez com isto. Estamos casados há três anos e que é da bola? Nem sinal. Não, isto assim não está direito. Não sou exigente, mas também não quero passar por tola. Se você não jogasse, por isto ou por aquilo, eu não me zangava, mas jogando como você joga lá fora... Não, tenha paciência.

O pobre homem fazia das tripas coração, esbofava-se, mas qual! No momento havia sempre uma coisa que o atrapalhava – *shootava* fora, na trave ou perdia a bola no melhor momento.

Há casos assim e o pobre explicava:

– Olha, filha, o Chrispim é uma fera no Bangu, ninguém pode com ele, aquilo é um *goal* em cima dos outros; vai jogar em outro campo, não dá nada. Eu sou assim. Que hei de fazer? Você pensa que é má vontade, não é. Nem que eu faça força, não vai. Jogo é o diabo. Quando se está de sorte, tudo pega, mas quando se está de azar é escusado.

– Então, não?

– Vamos ver.

E tentava. Nada. A pobre criatura desesperou e desespero levou-a ao suicídio.

Dirão os que não conhecem a “alma humana” que ela era uma tola, por isto ou por aquilo. Eu não discuto, lastimo a pobrezinha. Perguntem a um torcedor se há coisa que enfuze mais do que estar a ver o adversário fazer *goals* e a gente... nada. (MACHADO et al. 2014, p. 45-48)

A narrativa de Coelho Neto (o escritor é pai do atacante Preguinho, do Fluminense Football Club e autor do primeiro gol brasileiro em Copas do Mundo, em Montevideu, no Uruguai, no Mundial de 1930) espelha, principalmente ao final do texto, exatamente o que Proença diz ser um aspecto curioso da crônica esportiva.

(...) é que se torna possível, através dos textos, e do que eles refletem em última instância, imaginar o próprio torcedor/pensador do futebol. Isso, é claro, sem confundir a pessoa do autor (...) com o que escreve – mas, antes, em analogia, pode até revelar exatamente o contrário, quer dizer, a profissão-de-fé resultante da análise não tem qualquer compromisso de identificar-se com o autor-pessoa sua atitude enquanto “uma pessoa”, como torcedor individualmente. E se coincidirem ambas, também não nos interessa. E essa ressalva se faz necessária tendo em vista as considerações que, antes, desenvolvemos – os aspectos de verossimilhança da crônica esportiva que, embora muito próxima do real, isto é, sem parentescos com a ficção (particularíssima, portanto), também podia resultar literária. (PROENÇA, 1981, p. 30)

As três primeiras crônicas apresentadas nesta dissertação, conforme citado anteriormente por Mosko (2012), não versam especificamente sobre futebol nem sobre uma partida em especial, como será a característica dos textos conforme o avanço no tempo para as décadas, quando também o interesse do público leitor sobre o assunto aumentará. Isso, porém, não as torna menos interessantes nem as impiedu, perante uma perspectiva mais ampla, de serem consideradas posteriormente crônicas de futebol. Representam o assombro, o deslumbre, a perplexidade, a curiosidade da sociedade ante o desconhecido. Não fosse assim obviamente não haveriam sequer de ter sido escritas.

Também mais próxima de acontecimentos reais do que meras observações sobre o jogo e o comportamento de seus adeptos é a quarta crônica apresentada neste trabalho, cunhada por Carlos Drummond de Andrade e publicada em 1931 no jornal *Minas Gerais*. Como dão aos mineiros a pecha de criaturas precavidas, discretas, avessas a holofotes – mas não por isso menos capazes e competentes do que os demais, e lembrando que no futebol, esporte coletivo, todas as peças do jogo são importantes, Drummond será escalado no meio-campo, fazendo o trabalho incessante de buscar a bola e sair com ela sob seu domínio, oferecendo-a a companheiros porventura mais bem posicionados perto do campo adversário. Criatividade para maquinar jogadas não lhe faltaria.

Drummond é o primeiro dos escolhidos para ilustrar este trabalho a falar de uma partida específica: um confronto entre os selecionados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, e também o primeiro a citar outra mídia que não a impressa: o rádio – é por meio dele que o narrador se põe a escutar a partida e, a partir dela, a analisar, com certa perplexidade, o comportamento do público perante um jogo de futebol.

Enquanto os Mineiros Jogavam

Domingo, à tarde, na forma do antigo costume, eu ia ver os bichos do Parque Municipal (cansado de lidar com gente nos outros dias da semana), quando avistei grande multidão parada na Avenida Afonso Pena. Meu primeiro pensamento foi continuar no bonde: o segundo foi descer e perguntar as causas da aglomeração. Desci, e soube que toda aquela gente estava acompanhando, pelo telefone, o jogo dos mineiros na capital do país. Onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro; dois mil mineiros escutavam, em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola e experimentavam uma patriótica emoção.

Quando chegou a notícia da vitória dos nossos patrícios, depois de encerrado o expediente, isto é, depois de ter terminado o segundo tempo, vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletós, lenços que palpitavam como asas, enquanto gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra. Vi tudo isso e tive, não sei se inveja, se admiração ou espanto pelos valentes chutadores de Minas, que surraram por 4 a 3 os bravos futebolistas fluminenses.

Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar, pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do center-half investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação.

Para mim, o melhor jogador do mundo, chutando fora do meu campo de visão, deixa-me frio e silencioso.

Os meus patrícios, porém, rasgaram-se anteontem de gozo, imaginando os tiros de Nariz, e sentiram na espinha o frio clássico da emoção, quando o telefone anunciou que Carlos Brant, machucando-se no joelho, deixara o combate. Alguns pensaram em comprar iodo para o herói e outros gritavam para Carazzo que não chutasse fora. A centenas de quilômetros, eles assistiam ao jogo sem pagar entrada. E havia quem reclamasse contra o juiz, acusando-o de venal. Um sujeito puxou-me pelo paletó, indignado, e declarou-me: “O senhor está vendo que pouca-vergonha. Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada”. Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade; vi apenas a multidão de cabeças e entusiasmos; e fugi. (DE LIMA (Org.) 2010, p. 72)

Novamente, é Proença quem consegue explicar o arrebatamento transmitido ao leitor pelo texto de Drummond, mesmo que não se trate de uma crônica especializada, eminentemente esportiva ou, num espectro ainda mais reduzido, de futebol:

A crônica esportiva, em resumo, oferece campo de trabalho que nos permite uma visão global, ampla, do mundão popular/democrático, de nossas gentes e de nossos hábitos, favorecendo a quem as escreve, de uma forma ou de outra, aproximar-se do conceito de atuante, do fazer artístico (práxis literária, no caso); chances, assim, à aproximação do realismo crítico – dimensão e força social, participante, humanista (no sentido de “com os pés no chão”), que se pretendem íntimos de quem exerce o ofício de escritor. Aliás, lembrando mestre Lukács, “um escritor é verdadeiramente realista, o problema da totalidade objetiva da realidade joga um papel decisivo”. (PROENÇA, 1981, p. 32)

As páginas iniciais desta dissertação mostram, como não poderia deixar de ser, o florescimento da crônica como gênero jornalístico e literário, apresentada por escritores e cronistas que se ocupavam dos mais diversos assuntos em seus textos. Ao avançarmos nessa exploração, veremos o desenvolvimento do gênero com cronistas que, se não foram dedicados exclusivamente à crônica de futebol, muitas vezes ocuparam a maior parte de seus textos com elas. À medida em que o projeto se aproximar das décadas mais recentes também ficará mais próximo da especialização dos cronistas no assunto futebol, bem como do ocaso do gênero.

## 4.2 PRIMEIRO TEMPO (1940 A 1960)

A quinta crônica escolhida é um texto publicado em 25 de novembro de 1949 n’*O Globo Sportivo*, de autoria do pernambucano Mario Leite Rodrigues Filho, o homem que revolucionou o gênero. Mario seria daqueles craques a quem se permitiria o luxo de escolher onde quisesse jogar. Não seria surpresa lhe cair bem sobre os ombros a camisa reservada aos craques: a 10, do meio-campista que habita a faixa central do campo e dali pode desferir tanto passes milimétricos quanto chutes mortais contra o gol adversário. É sobre o camisa 10 que se despejam as maiores esperanças dos torcedores. O número às costas, mais do que a insígnia ao peito, caracteriza a marca da perfeição, a nota máxima, a exibição irretocável que sempre todos dele esperam. Além da 10, Mario Filho leva consigo a braçadeira de capitão desta excelsa equipe.

### O Grande Jogo

Gosto de ver jogo assim. A gente chega cedo – cheguei a uma hora – o estádio já está arrumado, como um cenário, como um cenário. Faltam uns retoques. O povo ainda continua a entrar – me lembro dos bondes que vinham com os estribos se arrastando como saia de baiana, o que parou na praça Del Preto ficou vazio num instante e todo mundo deu para correr rua Pinheiro Machado abaixo – quem entra tem de se apertar, de se espremer. A rua Pinheiro Machado parecia um rio humano, de águas apressadas. O rumor da multidão era rumor surdo de enchente. Eu estava prevenido e me espantei. Torcedores se agarravam aos mastros das bandeiras, lá em cima. Bem defronte da tribuna de honra, do outro lado, fora pregado o cartaz de “com o Vasco, onde estiver o Vasco”. E, aqui, ali, uma bandeira surgia, do Vasco, do Fluminense, agitada por mãos nervosas.

Eram os redutos da torcida. Alguém comprava uma arquibancada, ia para cima, vinha para baixo, se era do Fluminense procurava até perto de uma bandeira tricolor, se era do Vasco tinha de abrir caminho até uma bandeira com a Cruz de Malta. Assim, as bandeiras, os cartazes, dividiam o estádio em pedaços do Fluminense e do Vasco: ai do Fluminense que errasse de lugar, que fosse cair nas mãos dos vascaínos, ai do Vasco que estivesse no meio de tricolores. Aqueles dois ali que abriram um claro na multidão, se espalhando, aos socos, aos pontapés, subindo e descendo degraus, um tinha de ser do Vasco, outro do Fluminense. O que distinguia, na multidão compacta, um homem do outro, não era a cor, a posição social, era um escudo na lapela, uma gravata, a condição de Vasco ou de Fluminense,

Se o estádio já estivesse cheio como ia ficar – daqui a pouco fechariam os portões, não entraria mais ninguém –, aqueles dois ali não brigariam. Podiam ser os maiores inimigos do mundo, mas não brigariam. Quando quisessem brigar se veriam emparedados na multidão, sem poder se mexer. Havia de chegar um momento em que a multidão seria um corpo só, monstruoso, de milhares e milhares de cabeças, de milhares e milhares de braços. Ainda se podia brigar, abrir claros na multidão. Mas as bocas do estádio despejavam gente, cada vez mais gente, para as arquibancadas de baixo, de cima, para a pista. E a multidão tinha de se comprimir cada vez mais. Eu via a multidão avançar, recuar, tomando a forma do estádio.

Lá embaixo, na pista, surgiu uma senhora que se pôs a olhar para cima de binóculo. Com certeza procurava uma filha, um filho, alguém da família que viera mais cedo. Havia gente em pé nos corredores de cadeiras, esticando pescoço. A senhora lá embaixo, de binóculo. Quem ela procurava não estava aqui, nem ali, não estava em parte alguma. A senhora foi de um extremo ao outro da pista, depois voltou, parando, olhando de binóculo para cima. E nada. Eu comecei a olhar para onde ela estava, para ver se encontrava alguém que nunca vira, que não sabia como era, se alto ou baixo, magro ou gordo, menino ou menina, homem ou mulher. E botei os olhos na cadeira do Bertrand, junto da coluna de cimento.

O Bertrand não estava lá. Vi caras novas, gente com ar inconfundível de desconhecidos. Onde se metera o Bertrand? Tinha de andar por perto, só assistia a jogo daquele lado. Acabei vendo Bertrand três degraus acima, não na ponta, no meio da fila, fumando desconsoladamente um charuto. De quando em quando o Bertrand olhava para baixo, o lugar que escolhera entre todos os lugares e que hoje estava ocupado. Então o olhar do Bertrand se fazia duro, com um brilho frio de metal. Toda vez que eu chegava em Álvaro Chaves, já encontrava o Bertrand instalado na sua cadeira junto da coluna de cimento. Podia chover ou fazer sol, podia ser um grande ou pequeno jogo, de dia ou de noite, a cadeira junto da coluna de cimento era do Bertrand.

Por essas e outras eu, mal acabara de almoçar, saí, e com pressa. Era cedo, menos de uma hora, eu tinha uma cadeira na tribuna de honra. Em um dia assim, como o de hoje, a tribuna de honra ia ficar como uma arquibancada. Imaginei a tribuna de honra cheia, Luís Galloti me avisando: “Não olha para trás”. Era um perigo olhar para trás. Luís Galloti só olhava para a frente, para não ver ninguém entrando, um amigo que ia ficar de pé, uma senhora sem lugar. Toda vez que, em ocasião idêntica, olhava para trás, Luís Galloti tivera de se levantar, de oferecer a cadeira. Um dia ele fora saindo de um lugar para o outro, acabara na pista, sem poder ver o jogo direito. Nunca mais.

Luís Galloti não olharia para trás, José Lins do Rego não se levantaria para ir lá fora e voltar. Se José Lins do Rego se levantasse, não se sentaria mais. Havia gente assim, com o olho no lugar dele, e gente importante. E era uma coisa que José Lins do Rego não deixava de fazer em nenhum jogo. Levantava-se, pedia a mim ou a Luís Galloti: “Tome conta do meu lugar”, e saía, para voltar cinco minutos depois. Hoje, José Lins do Rego compreenderia os avisos de Luís Galloti: “Não olhe para trás”. Só se devia olhar para a frente, para o campo, para as arquibancadas, já arrebrandando de gente.

Que era aquilo? A multidão não se mexia mais, ficara quieta. Com certeza a polícia tinha mandado fechar os portões, não entrava mais ninguém. Só podia entrar gente com talão de cadeira numerada. Assim mesmo quem tinha uma cadeira numerada não se julgava muito seguro, tratava de chegar cedo. Porque às vezes, o dono de uma cadeira que devia estar na frente só a encontrava lá atrás. Os números se baralhavam, quem chegava cedo trocava o número de uma cadeira de trás pelo número de uma da frente. Vi quando Luís Severiano Ribeiro tirou do bolso os guardanapos de papel, para desdobrá-los, cuidadosamente, um para cada cadeira. Assim nem ele nem ninguém de família dele sujaria a roupa sentando-se na cadeira de ferro de cervejaria.

Gosto de ver jogo assim, que começa antes, muito antes da hora marcada. Ainda não terminou o primeiro tempo da preliminar e os portões estão fechados. Quem ficou de fora não vai embora logo, espera, talvez o portão se abra outra vez. E se vier mais gente, muito mais gente – quem sabe? – não haverá portão fechado que não se abra. Para mim já é o jogo, o grande jogo. Tudo isso, o estádio cheio, a multidão lá fora, os portões fechados, torcedores pendurados nos mastros, faz parte do grande jogo. O grande jogo não é apenas a luta de vinte e dois jogadores, é o que a multidão vem sentindo há uma semana de expectativa ansiosa.

Antes do jogo a gente vê a multidão ainda liberta. É ela que domina a paisagem do *match*. Está aqui, ali, em toda a parte, tomando conta de tudo. Quando o jogo principiar a multidão como que desaparece, vira fundo, um cenário. O grande *match* transfere-se das ruas, das arquibancadas, para o campo, um tapete de grama, onde correm, de um lado para o outro, vinte e dois jogadores. Por enquanto o grande jogo é a multidão. Até quem está de fora, esperando inutilmente que o portão se abra de novo, é o grande jogo. E de repente o microfone do Fluminense pede silêncio. Uma voz anuncia a renda – às duas horas da tarde, faltando mais de uma hora para começar o jogo. A multidão cala um instante, ouve a cifra do recorde e, depois, logo depois, quase o estádio vem abaixo, como se o Fluminense e o Vasco tivessem marcado um gol ao mesmo tempo. (MICHIELIN (Org.) 2014, p. 173-177)

Mario Filho começou a escrever em jornais em 1926, aos 18 anos, em *A Manhã*. Diretor-tesoureiro em seu começo no periódico, em 1925, já no ano seguinte assumiria o comando de uma máquina de escrever e a direção da página literária daquele jornal, como relata Marcelino da Silva (2006),

Em 1928, quando seu pai se desligou desse jornal e fundou *Crítica*, Mario Filho assumiu a página de esportes do novo jornal e começou a mostrar a que se prestaria sua passagem pela imprensa esportiva. Mais ambientado ao novo *métier*, incentivado pelo sensacionalista do jornal e tendo à mão o amplo arsenal de recursos gráficos disponibilizado pelo diagramador e ilustrador Andrés Guevara, Mario Filho fez das páginas de esportes de *Crítica* um laboratório para suas primeiras experiências com a linguagem do jornalismo esportivo (DA SILVA, 2006, p. 93-94)

É interessante notar que o texto de Mario Filho em questão não traz informação alguma sobre o placar do jogo, qual o torneio em disputa pelas equipes, não descreve sequer um lance da partida. Foi publicado no final do mês de novembro de 1949, quando a crônica esportiva e o jornalismo de esportes já estavam mais que estabelecidos no Brasil. Marcelino da Silva destaca que o talento de Mario Filho floresceu mesmo a partir dos anos 30. Em 1931, fora contratado por Roberto Marinho para assumir a seção esportiva d’*O Globo*

Nos primeiros meses daquele ano, o noticiário esportivo d'O Globo já ocupava espaços, em média, bem maiores do que “as duas míseras colunas” a que costumavam se referir os textos sobre o trabalho e a biografia de Mario Filho. Nas edições matutinas de segunda-feira, toda a capa, que geralmente trazia apenas uma manchete e uma rica reportagem fotográfica, e todas as páginas 2 e 8 eram dedicadas à cobertura das competições da véspera. Nos outros dias, a seção “O Globo nos sports”, normalmente publicada na página 8, ocupava espaços menores, que podiam ser de apenas duas colunas, mas que frequentemente chegavam a uma página inteira. Também era comum que informações sobre assuntos esportivos fossem publicadas em outros espaços do jornal, especialmente a seção “Última Hora”, que trazia as notícias recebidas pela redação pouco antes do fechamento de cada edição. (...)

Na escolha das pautas, a seção de esportes d'O Globo rendia-se ao crescimento do futebol e dedicava-lhe maior destaque do que a outras modalidades esportivas. (DA SILVA, 2006, p. 100)

Mario Filho simplesmente dá-se ao luxo de escrever uma crônica sobre um jogo sem falar do jogo – embora a história que conte, sobre o comportamento da multidão, não seja menos interessante do que poderia ter sido a partida. A ousadia fica ainda maior quando se descobre, ao consultar os sites de Fluminense e Vasco da Gama, que o jogo (com o resultado de 2 a 0 para o Vasco) fora disputado quase um mês antes de a crônica ser publicada. É impossível imaginar, dado o imediatismo do mundo de hoje, um jornal ceder espaço para um texto sobre uma partida disputada passados 30 dias. E ainda sem citar placar, escalações dos times, como foram marcados os gols – nada! A partir da década de 1950, os cronistas passaram a se especializar no assunto e os textos sobre futebol trariam muito mais aspectos técnicos sobre a partida, os campeonatos, os jogadores.

Se no decorrer do século XX a crônica acabou se especializando – surgindo, então, a crônica esportiva, literária, cinematográfica, política, social, entre outras, mais específicas ainda – detecta-se uma leve, mas sobretudo sensível, oscilação de conteúdo e estilística dentre os diversos tipos de crônica. Não se trata de um rompimento dentro da crônica brasileira, mas sim, de sutis diferenças que, ao olhar mais detalhista, podem ser, com relativa facilidade, visualizadas.

A crônica esportiva, como afirmado, só se assentou durante a década de 1940 – quando, finalmente, a polêmica no meio intelectual brasileiro sobre se o futebol seria ou não parte constitutiva da cultura nacional fora aplacada. A partir deste período, consolidada a crônica esportiva profissional, deixaram de existir, evidentemente, cronistas antipáticos ao futebol. Mas houve outro tipo de cisão, porém, desta vez, nem sempre contraditória: aquela entre os racionalistas, que preferiam escrever sobre a parte técnico/tática da modalidade e os apaixonados, mais preocupados com os aspectos sociais ligados ao esporte do que com a partida propriamente dita. (MOSKO, 2012, p. 92)

Se cabe a Mario Filho o comando do setor nevrálgico do time, o meio-campo, fica o comando do ataque sob responsabilidade de seu irmão, o também pernambucano Nelson Falcão Rodrigues. Dono de um texto privilegiado, dado a arroubos, exageros e hipérboles, Nelson consegue as proezas de ser um dos maiores (seu talento é tamanho que dizer que é o maior poderia suscitar discussão, mas jamais seria um absurdo) tanto entre os cronistas quanto entre os dramaturgos brasileiros. Luiz Carlos Ribeiro, escudado por três outros autores, diz, do texto rodriguiano:

Tanto sob o aspecto do gênero literário quanto pelas interpretações do cotidiano, a singularidade de Nelson Rodrigues é cativante. Enquanto Freyre e Mario Filho escreveram ensaios sociológicos, em que a forma exigia uma argumentação interna minimamente coerente, Nelson Rodrigues escreveu sobre o futebol em forma de crônicas e, como um *flaneur*, colhia as ideias ao sabor da incoerência do dia a dia das ruas. De forma diversa desses seus parceiros, Nelson não tinha o compromisso racional e ideológico de inventar um Brasil.

Afinal, a crônica moderna é, por excelência, um compromisso com o anônimo e o polissêmico da esfera pública e urbana. Ao cronista, “cabe a tutela da coisa pública, a guarda do espaço da cidade”. (RESENDE, 1995: 52)

Testemunha de seu tempo, o cronista esboça em seus escritos uma visão sintética da realidade e das paixões. Cabe ao cronista “falar diretamente ao espectador”, compartilhar de algo que se tornou domínio coletivo. (NERY, 2005) E é a percepção dessa subjetividade de falar diretamente ao espectador – como a conversa das duas vizinhas, lembrada por Machado de Assis –, que deve estar presente na análise da crônica de Nelson Rodrigues.

Um imaginário, enfim, que “apesar de manipulável, necessita, para criar raízes, de uma comunidade de imaginação, de uma comunidade de sentido. Símbolos, alegorias, mitos só criam raízes quando há terreno social e cultural” que os fertilize. (CARVALHO, 1992: 516). O cronista, mais do que o autor de romances ou de ensaios sociológicos, é um caricaturista de costumes. (RIBEIRO, 2012, p. 37)

Ribeiro ainda discorre sobre o discurso de Nelson Rodrigues, que como se pode ver na crônica escolhida, eleva Pelé a um pódio ainda incomum para o negro no Brasil, mesmo já transcorridos então 70 anos da abolição da escravatura no país.

Com esse discurso, Nelson acompanhava uma opinião comum sobre a necessidade de afirmação da identidade nacional, sobretudo a partir dos anos trinta/quarenta. A necessidade da sublimação, tendo o negro ou o mulato como referência, inscreve-se naquilo que Antonio Candido já identificara entre os modernistas, como “uma adesão franca aos elementos recalcados da nossa civilização, como o negro, o mestiço, o filho de imigrantes, o gosto vistoso do povo, a ingenuidade, a malandrice.” (CANDIDO, 2000: 112). Essa discussão, disseminada no meio intelectual brasileiro, foi polemizada nos escritos de Freyre e Sérgio Buarque de Hollanda.

Freyre via no mulato a substância da nossa civilização, a síntese da nossa democracia social: “A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que doutro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a senzala”. (FREYRE, 1969: XXXIV). E, sobre o futebol, afirmava entusiasmado:

*Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de futebol, e esse estilo é uma expressão a mais do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, curva ou em músicas, as técnicas europeias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam elas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo o nosso – psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo sendo dionísíaco a seu jeito – o grande feito mulato. (FREYRE, 1945, p. 432)*

Ou, ainda,

*O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. (FREYRE, 1945, p. 421) (RIBEIRO, 2012, p. 39-40)*

Sobre o estilo rodriguiano de crônica, Ivan Proença (1981) diz:

E a de Nelson Rodrigues, no caso, faz o gosto dos tricolores, em princípio, mas serviria mesmo como uma luva aos que o público mesmo chama “torcedor doente” (e, assim, de qualquer clube, feita a suspensão necessária), ao que fica “de cabeça inchada”, ao que “marca” dez pênaltis contra o adversário, xingando o juiz. Nelson defende inclusive, e justifica, a comemoração mais eufórica de um gol feito deslavada e ostensivamente com a mão. Acha que não cabem a sensatez ou “equilíbrios” – seria o mesmo, acha, que o dono do armazém botar defeito na própria mercadoria, que vai vender ao freguês. (PROENÇA, 1981, p. 30-31).

A crônica de Nelson apresentada nesta dissertação foi escrita na revista *Manchete Esportiva*, em 1958, depois de o jornalista ter assistido pela primeira vez a uma partida do Santos com um então adolescente em seu quadro. Um menino chamado Pelé. À primeira visão do guri, Nelson não apenas destaca o jovem como

seu personagem da semana – simplesmente coroa o rapaz como soberano do futebol. Aos 17 anos e depois de tê-lo visto uma única vez.

José Miguel Wisnik escreve não sobre esta crônica, exatamente, mas como o texto de Nelson para a *Manchete Esportiva* repete o argumento que Wisnik alcança, a citação é válida. Uma das grandes lutas de Nelson Rodrigues era contra o que ele via como um complexo de inferioridade do brasileiro, algo que genialmente batizou de “complexo de vira-latas”.

Numa crônica profética, e logo anterior à Copa, Nelson Rodrigues martelava contra as expectativas gerais a certeza de que, arrancado o “complexo de vira-latas”, revelar-se-ia, no mesmo instante “a pura, a santa verdade”: a de que o “jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção”. Nelson insistia no bordão a ponto de parecer que acabaria acertando pela insistência. Na sua análise, o brasileiro é – ou tornou-se – um “narciso às avessas que cospe na própria imagem”, por uma orgulhosa e pusilânime precaução contra o medo de sofrer. Assim, em fase de preparação para o torneio mundial, se vence de cinco, “(...) o torcedor acha que o adversário não presta. Se empata, quem não presta somos nós”. Mas se vence o campeonato com folga, como mostrará a experiência, então sempre fomos seremos eternamente os melhores, até o próximo e magro 1 x 0, quando reinicia o círculo vicioso. Com sua arma mais característica, a hipérbole inesperada, Nelson Rodrigues bombardeava esse monstro psíquico – o “quadrúpede de 28 patas” – que fazia o brasileiro descer cronicamente das próprias potencialidades. (WISNIK, 2008, p. 268)

Citado também por Wisnik, o alemão radicado no Brasil Anatol Rosenfeld afirma que uma democracia racial em campo é instaurada com o arco do desenvolvimento do futebol brasileiro. Embora a referência seja a obra de Mario Filho, é perfeitamente aplicável à crônica do centroavante Nelson, mas não apenas: ecoa também nos textos de nosso goleiro Lima Barreto. Não à toa, Lima e Nelson são, respectivamente, negro e nordestino.

Mas não se pode estender, diz ele [Anatol Rosenfeld], o reconhecimento do jogador negro, que se dá num plano do imaginário festivo e do “êxtase das massas”, coroado pela auréola do extraordinário, ao reconhecimento social extensivo e ordinário da vida social. Podemos dizer que a democracia racial de futebol brasileiro prescreve (no sentido médico, de indicar um remédio) mas não descreve o Brasil. Ou, ainda, que ela descreve possibilidades realizadas e significativas que não se completam como sistema. Em outras palavras, o país não coincide consigo mesmo, e a democracia racial tem de ser complexamente pensada como algo que é e não é, contendo nesse paradoxo o xis da questão.

Segundo Anatol, a população de negros, mulatos e brancos pobres produzia “um grande número de jogadores de primeira classe”, movidos pelo talento natural, pela “sucção da subida” que “o remoinho de chances” do futebol mobilizava, pelo fato de que não estudavam e de que podiam dar tudo de si no futebol. O jogo constituía-se na verdadeira *hora e vez* de homens sem perspectiva, que tinham tudo para ser desencorajados previamente por sua condição e “tornados interiormente incapazes de enfrentar as exigências da vida”. Através do futebol, eles são sugados para cima numa verdadeira linha de fuga, numa queda para o alto que redimensionava ao avesso, no entanto, o sentido da escravidão recentemente abolida. Numa sociedade escravista em que o trabalho manual era estigmatizado e em que o trabalho escravo, como vimos, recebia o nome de obrigação, “dar pontapés numa bola”, ao arripio de qualquer obrigação, “era um ato de emancipação” do atavismo da condição escrava. (WISNIK, 2008, p. 240-241)

DaMatta diz que ninguém como Nelson percebeu que no campo e durante o jogo havia – e há – a possibilidade de projetar emoções, mitos e fantasias. Foi Nelson quem anteviu, qual um craque que joga de frente erguida, sem saber a cor da grama, que não é possível tratar o futebol com objetividade, unidimensionalmente, sem densidade ou espessura. É dele a certa expressão “os idiotas da objetividade”, cunhada quando se começava a introduzir na crônica de futebol (este espaço ainda livre para a subjetividade, para o lirismo, para o trivial, para a linguagem do cotidiano) análises teóricas sobre a movimentação das equipes, sobre a função de cada jogador.

Não significava, à época, e realmente não se quer dizer agora que textos desta natureza não devam ter espaço ou que não mereçam ser lidos. Apenas não há lugar para tanta enxurrada de informações na crônica. Artigos jornalísticos, colunas especializadas são ou deveriam ser o hábitat destas análises.

O êxito do futebol no Brasil desmonta integralmente a velha tese segundo a qual os povos colonizados estariam permanentemente submetidos às instituições inventadas e impostas pelos seus colonizadores-espoliadores-dominadores. Mais que isso: o sucesso mundial do futebol brasileiro obrigou a mudar as velhas teses sobre a identidade nacional. Não foram, pois, os políticos, os formadores de opinião pública ou muito menos os intelectuais (quase todos racistas e favoráveis ao “branqueamento”) que começaram a acreditar no valor do Brasil e no Brasil como um valor. (...) Se o futebol não chegou a abalar as teorias elitistas de uma inferioridade nata da sociedade nacional, ele pelo menos tornou-se uma fonte de desabrigo e comovente amor pelo Brasil. (...) Foi, pois, o futebol que, além de nos fazer acreditar na possibilidade de uma ordem moral baseada na igualdade, forneceu o alicerce para uma drástica rearticulação de nossas identidades sociais (pessoais, de bairro, urbanas, regionais e nacionais), em bases positivas, regadas a esperança e otimismo. E foi certamente Nelson Rodrigues como cronista esportivo mais do que como dramaturgo quem, em peças imortais escritas entre 1955 e 1978, traduziu, com uma deliciosa dose de metafísica carnavalesca, todo esse complexo processo de redesenho da identidade brasileira em relação com seus velhos tabus (falsa humildade, complexo de inferioridade, de “vira-lata”), a dialética da regra contra sua manipulação malandra ou corrupta, o evento (a jogada indescritível e única) contra a estrutura, a frustração e as contradições colocadas pela aceitação da derrota, as brigas entre jogadores, o permanente sentido de inferioridade racial, seus paradoxos e contradições; o resgate incondicional e irremissível do amor pelo Brasil, e, com os outros: os adversários e, acima de tudo, com os antagonistas estrangeiros que sempre figuraram na imaginação nacional muito mais como modelos civilizatórios positivos ou negativos do que como meras equipes de futebol. (DAMATTA, 2006: 145)

A perspicácia e a felicidade do cronista foram tamanhas que, durante muito tempo, perseguiram jornalistas menores que insistiram (alguns ainda não se dão por vencidos) em tentar o mesmo golpe que, dado por eles, seria puramente de sorte e, vez por outra, batizam como craques à altura de Pelé ou mesmo outros, incongruências como Taison, Alexandre Pato, Anderson, Luan.

### A Realeza de Pelé

Depois do jogo América x Santos, seria um crime não fazer de Pelé o meu personagem da semana. Grande figura, que o meu confrade Albert Laurence chama de “o Domingos da Guia do ataque”. Examinei a ficha de Pelé e tomei um susto: – dezessete anos! Há certas idades que são aberrantes, inverossímeis. Uma delas é a de Pelé. Eu, com mais de quarenta, custo a crer que alguém possa ter dezessete anos, jamais. Pois bem: – verdadeiro garoto, o meu personagem anda em campo com uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: – ponham-no em qualquer rancho e a sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor.

O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: – a de se sentir rei, da cabeça aos pés. Quando ele apanha a bola, e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento. E o meu personagem tem uma tal sensação de superioridade que não faz cerimônias. Já lhe perguntaram: – “Quem é o maior meia do mundo?”. Ele respondeu, com a ênfase das certezas eternas: – “Eu”. Insistiram: – “Qual é o maior ponta do mundo?”. E Pelé: – “Eu”. Em outro qualquer esse desplante faria rir ou sorrir. Mas o fabuloso craque põe no que diz uma tal carga de convicção, que ninguém reage e todos passam a admitir que ele seja, realmente, o maior de todas as posições. Nas pontas, nas meias e no centro, há de ser o mesmo, isto é, o incomparável Pelé.

Vejam o que ele fez outro dia, no já referido América x Santos. Enfiou, e quase sempre pelo esforço pessoal, quatro gols em Pompéia. Sozinho, liquidou a partida, liquidou o América, monopolizou o placar. Ao meu lado, um americano doente estrebuchava: – “Vá jogar bem assim no diabo que o carregue!”. De certa feita, ele recebe o couro no meio do campo. Outro qualquer teria despachado. Pelé, não. Olha para a frente e o caminho até o gol está entupido de adversários. Mas o homem resolve fazer tudo sozinho. Dribla o primeiro e o segundo. Vem-lhe ao encalço, ferozmente, o terceiro, que Pelé corta sensacionalmente. Numa palavra: – sem passar a ninguém e sem ajuda de ninguém, ele promoveu a destruição minuciosa e sádica da defesa rubra. Até que chegou um momento em que não havia mais ninguém para driblar. Não existia uma defesa. Ou por outra: – a defesa estava indefesa. E, então, livre na área inimiga, Pelé achou que era demais driblar Pompéia e encaçou de maneira genial e inapelável.

Ora, para fazer um gol assim não basta apenas o simples e puro futebol. É preciso algo mais, ou seja, essa plenitude de confiança, de certeza, de otimismo, que faz de Pelé o craque imbatível. Quero crer que a sua maior virtude é, justamente, a imodéstia absoluta. Põe-se por cima de tudo e de todos. E acaba intimidando a própria bola, que vem aos seus pés com uma lambida docilidade de cadelinha. Hoje, até uma cambaxirra sabe que Pelé é imprescindível na formação de qualquer escrete. Na Suécia, ele não tremerá de ninguém. Há de olhar os húngaros, os ingleses, os russos, de alto a baixo. E é dessa atitude viril e mesmo insolente que precisamos. Sim, amigos: – aposto minha cabeça como Pelé vai achar todos os nossos adversários uns pernas-de-pau.

Por que perdemos, na Suíça, para a Hungria? Examinem a fotografia de um e outro time entrando em campo. Enquanto os húngaros erguem o rosto, olham duro, empinam o peito, nós baixamos a cabeça e quase babamos de humildade. Esse flagrante, por si só, antecipa e elucida a derrota. Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós. (RODRIGUES, 1992, p. 42-44)

Por um breve e fugaz momento, o mais perto de que os apostadores chegaram com suas tentativas de descobrir um craque a cada 15 minutos foi com o gaúcho Ronaldinho, ainda assim, um jogador que, embora apto a vestir o manto de craque, jamais poderia receber a coroa e o cetro do rei Pelé – já um mito maior que a vida. O texto abaixo, de Marcos Guterman, ajuda a explicar o que Nelson viu no garoto e que tanto o encantou.

Pelé estrearia na seleção em 7 de julho de 1957. O Brasil jogou contra a Argentina a primeira partida da Copa Roca. Sylvio Pirillo, o técnico na ocasião, resolveu acreditar no garoto de 16 anos. A equipe, já com Garrincha como titular, vinha de uma classificação sofrida para a Copa de 1958, sob o comando de Oswaldo Brandão, depois de dois jogos duríssimos contra o Peru. Pior: havia perdido para os argentinos na final do Sul-Americano daquele ano, por vergonhosos 3 a 0. A confiança ainda não era a marca da seleção, e os ecos de 1950 continuaram presentes. Mas então Pelé entrou no jogo, no lugar de Mazzola, e marcou um gol – insuficiente para evitar a derrota para a Argentina em pleno Maracanã. Na segunda partida contra os argentinos pela Copa Roca, no Pacaembu, Pelé começou jogando, ao lado de Pepe e Del Vecchio, seus companheiros de Santos. À vontade, marcou outro gol, e dessa vez o Brasil venceu, por 2 a 0, levando o torneio – seria o primeiro dos nove títulos de Pelé ao longo dos seus 15 anos na seleção. (GUTERMAN, 2009, p. 118-119)

Mais um integrante do meio-campo desta seleção de cronistas, outro membro do setor encarregado de pensar o jogo e coordenar as ações da equipe, o acreano Armando Nogueira gostava de injetar doses de poesia em seus textos. De todos os escolhidos, e mesmo entre os que não estão no texto desta dissertação, Armando é possivelmente o mais romântico dos cronistas. Homem também da televisão (como também o fora eventualmente Nelson Rodrigues, com quem partilhava as arquibancadas do Maracanã), Armando nunca deixou de ser jornalista da palavra escrita. Cobriu todas as Copas do Mundo entre 1954 e 2006 e tinha predileção pelo texto épico.

A crônica a seguir, publicada no *Jornal do Brasil* em 13 de julho de 1963, é um texto de louvor ao craque Nilton Santos, lateral esquerdo do Botafogo de seus amores, então com 38 anos e prestes a encerrar a carreira. O futebol, àquela altura, já fechava mais de meio século de presença no Brasil em competições organizadas – tempo suficiente, portanto, para que já chorasse a aposentadoria de muitos de seus principais ídolos, como Nogueira faz nesta crônica.

### Um Casamento Feliz

Pois o velho estava gripado, o velho estava febril. E ninguém correu mais do que ele no modesto jogo, entre o Botafogo e o Bonsucesso. No finzinho do jogo o velho apostou uma corrida com um dos moços do Bonsucesso – e chegou primeiro, dominando a bola na pequena área.

Qual o segredo da eternidade atlética desse velho? Músculos inoxidáveis? Os pulmões de seis litros de ar bem soprados? Banhos de banheira, depois de cada jogo? O coração de 56 batidas por minuto?

Só Deus sabe.

Desconfio que o mistério do velho Nilton Santos seja o equilíbrio – equilíbrio físico e psicológico – com que vive a sua vida e joga o seu jogo. O segredo desse velho só pode ser a infinita simplicidade que põe em cada passe, em cada drible, em cada cobertura. E a par disso tudo considerem, também, o milagre da intimidade que existe entre Nilton Santos e a bola.

Todos vocês sabem que as bolas têm alma e quicam e que esta circunstância é que complica, sempre, as relações entre elas e o jogador. No quicar, a bola assume efeitos impressentidos, daí nascendo aquelas situações grotescas do jogador chutar espirrado, rebater com a canela, meter a mão na bola ou *furar*. Pois saibam que Nilton Santos, o velho, jamais foi traído pelo quique de uma bola. Intimidade, meus amigos, identificação.

Nilton Santos e a bola formam o par constante, casamento perfeito que só se acaba com a morte.

Festejaremos bodas de ouro desse casal no campo do Maracanã.

Campeonatos, treinos, excursões, concentrações – tudo isso é rotina na carreira de Nilton Santos. Há 16 anos que ele não faz outra coisa na vida senão calçar e descalçar chuteiras. O natural seria, portanto, que a dura rotina lhe minasse o entusiasmo, como ocorre com a maioria dos jogadores entrados na reta dos trinta anos. Esperava-se que fosse assim também com ele. Por isso, já em 1958, pretenderam afastá-lo da seleção brasileira; por isso, deram-lhe o golpe, agora, na última e amaldiçoada excursão da CBD à Europa.

Feola conseguiu passar o velho para trás, realmente, mas sem o menor mérito, a meu ver, porque aplicando golpe baixo, sem bola. Com bola no chão, respeitando as regras do jogo, o time de Feola não teria enrolado o velho, não.

Hoje voltamos a vê-lo, no Maracanã. O time do Botafogo, com 15 minutos, estava às quedas: Zagalo tropeçava na própria fragilidade; Elton, Rildo, Amarildo, todos mocinhos, regulando 24 anos, perderam o fôlego no começo do jogo. E o velho? O velho, aos 85 minutos, apostou e venceu uma corrida de 50 metros com um jogador do Bonsucesso, um garoto que tinha três anos de idade quanto Nilton Santos iniciou a carreira no time do Botafogo.

No vestiário, Nilton Santos era o jogador de rosto mais descansado. O médico examinou-o, por rotina, e constatou que ele tinha perdido mais peso do que devia: perdera dois, e seu normal é perder um e meio.

– Você correu demais, hoje – disse o médico.

– É, doutor, mas eu estava precisando suar um pouco para curar uma gripe que não me deixou dormir na última semana.

À saída do estádio, Nilton Santos confessou que correrá muito, também, porque estava seco por bola, pois não jogava havia quase uma semana.

A confissão do velho explica a eternidade do seu futebol – um futebol jogado com arte e paixão. Paixão, no duro, meus amigos, pois a bola significa tanta coisa na vida de Nilton Santos que, se ele deixa de jogar uma semana, por contusão ou doença, emagrece a olhos vistos.

Não quero ver o dia em que o destino resolva separar, definitivamente, o velho Nilton Santos de suas bolas queridas. Pois é quase

certo que o velho vai definhar – e as bolas, Deus permita que as bolas não morram por ele. (NOGUEIRA, 1966, p. 39-41)

Sobre as crônicas de Armando, Ivan Proença escreve:

O memorialismo, sob certas formas, quase que se alinha entre alguns dos componentes de uma visão trágica do mundo. A recomposição do tempo passado, a tentativa de união das duas pontas de vida pode constituir-se uma procura também de reconciliação, espécie de purgação. O que difere, assim enfocado, do puro e simples saudosismo. (...)

Em sendo crônica, e embora sabendo nós que é muito difícil estabelecer os limites entre uma crônica e uma estória curta (no caso, conto), sem dúvida que – por natureza e por força de toda uma pesquisa prática – ela, crônica, se caracteriza muitas das vezes não só pelo instantâneo, pela fixação de um flagrante, como também pela muita proximidade com o fato, e como vimos, descomprometida, em princípio, de enredos e seus componentes usuais, de heróis, etc., e afastando-se, assim, não raro, da ficção. (PROENÇA, 1981, p. 38-39)

Para o autor, esta tentativa de unir as duas pontas da vida e procurar reconciliação pode explicar sua preferência em traçar perfis heroicos, de “pureza chapliniana” e credence num determinismo que tira dos sujeitos de suas crônicas quaisquer possibilidades de não serem os heróis que Armando vê neles. São vários os exemplos futuros de crônicas perfis que o autor viria a desenvolver: as jogadoras de basquete Hortência e Paula, a jogadora de futebol Marta, a “rainha” (que se encaixa no exemplo dado anteriormente sobre jornalistas que sempre quiseram descobrir um novo Pelé).

Armando, na tradição de Nelson Rodrigues, cultua o jogador como herói, faz dele mito, como nos relatos das epopeias do passado. E faz isso usando exclusivamente seus recursos de prosa. Mesmo sem revelar a idade de Nilton Santos, dá ao leitor – mesmo àquele desacostumado com o futebol, com o Botafogo, com a Seleção Brasileira, com todos os torneios e campeonatos – a ideia de que ele está diante de um jogador veterano, afinal, vem jogando há 16 anos. Armando Nogueira impõe a comparação do velho lateral com os jovens do time adversário, mas sem se prender a estatísticas, fatos ou números. Porque não está a fazer jornalismo. Está a fazer literatura publicada no jornal. Não é preciso entupir o leitor com informações, pois certamente haverá uma matéria na seção de esportes com este desígnio.

### 4.3 SEGUNDO TEMPO (1970 A 1980)

De Armando Nogueira passamos a bola a outro meia, que ganha a posição pela habilidade com as palavras e pela ponderação com que sempre tratou suas ideias e seus textos. Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Ruy Carlos Ostermann ingressou tardiamente no jornalismo, aos 27 anos, em 1962. A moderação de seu estilo e a envergadura intelectual (exerceu magistério e cátedra), além de ser filósofo e jornalista também assumiu dois mandatos de deputado estadual e foi secretário de Estado, o que lhe valeu a alcunha de professor – algo que, de fato era, mas no meio jornalístico o apelido também assumia ares, sempre velados, de zombaria, numa espécie de pedantismo reverso.

A crônica aqui analisada trata de uma apresentação da Seleção Brasileira no Rio de Janeiro para uma partida anterior ao Mundial de 1978, publicada em 12 de outubro de 1977 no jornal *Correio do Povo*. Com classe, Ruy zomba do clima litúrgico dado ao evento. Casa com o que sobre ele escreve Ivan Proença (1981), classificando seu texto como de “uma preocupação participante” fruto da conscientização do autor e de um “quase, e declarado, pavor à alienação”.

Argentina, 1978

A seleção é tratada como coisa à parte, como se não pertencesse a este divertido e leviano futebol brasileiro. Quando se fala em seleção, há quem aumente de voz, faça impositação nas vogais e se torne sonoro. Alguns chegam mesmo a se tornar cívicos que, como se sabe, é uma exaltação da personalidade, uma espécie de solenidade do indivíduo. Talvez tudo isto se deva ao fato de que temos uma tendência quase incorrigível para o sublime. Me lembro de um episódio de que retiro os nomes por prudência. Um repórter, era um garoto ainda fazendo sua primeira cobertura de seleção, não pertencia ao grupo daqueles que se aperfeiçoaram vendo futebol; era um garoto que trazia Hermann Hesse na mochila, portava uma austera barba um pouco irregular no queixo, usava sandália, calça de brim e uma camiseta esverdeada, sem brilho, bem amassada; pois o garoto aguardava pela seleção no Maracanã, num longo, sujo e recortado banco de fim de túnel no Maracanã, e dormia espichado de tanta espera.

De repente, levantaram-se muitos, apanharam as máquinas fotográficas, as folhas de papel, eu pus o braço no ombro do Chico de Assis, da Bandeirantes, e disse: vamos. Foi quando um velho fotógrafo deu um grito com o garoto:

– Levanta daí, moleque, chegou a seleção.

Podia ser brincadeira, mas não era. O velho profissional estava paramentado, rijo, enérgico nas suas pernas finas, e foi categórico na segunda frase:

– Seleção é coisa importante, seu!

E saiu resmungando pelo túnel.

O garoto abriu os olhos, fez uff, e também seguiu pelo mesmo túnel em que seguiam todos. Ao menos eu e o Chico, me lembro, sorriamos. Os demais estavam diante da seleção como uma condecoração no peito. O garoto é que fazia mais: ele suspirava. (OSTERMANN, 1992, p. 55-56)

É outro tipo de texto, que, mais do que muitas reportagens, coloca o leitor no palco do acontecimento pelos olhos do escriba. E só se torna possível tal janela com a presença física do cronista. Ruy escreveu porque esteve no Maracanã. Ao mesmo tempo, o relato muito provavelmente seria negado como noticiário jornalístico, só sendo passível de publicação na forma de crônica.

Cabe, pois, à crônica jornalística tratar de tudo, pois, quem toma a decisão, escolhe o tema, é o interesse, a motivação do cronista. Desse modo, vai oferecendo sua acepção dos acontecimentos que o noticiário difundiu sem emoção. Isso faz com que a crônica possua, em sua última análise, uma função educadora. Não é um artigo de fundo, seara da argumentação e das provas, mas, na medida em que o cronista espousa uma ideia, uma posição, seu compromisso torna-se tácito, vivido nas opiniões que vai emitindo despreocupadamente no decorrer do texto. Conceitua os fatos da realidade que lhe serviram de ponto de partida, fatos que o leitor conhece e que são o elo de aproximação entre o cronista e seu leitor. (LOPEZ, 1992, p. 168)

Ao continuar sua reflexão, Proença estabelece a crônica de Ostermann como consequência de uma “consciência artesanal”:

Que consegue uma linguagem coloquial, quase oralizante, sem vulgarizá-la, alternando sua narrativa entre períodos curtos e longos, quebrando a monotonia do texto telegráfico ou dos prolongamentos descritivos. (...)

Ao mesmo tempo que nos diz que uma das vantagens do futebol é a gente às vezes falar de coisas miúdas, Ruy Carlos Ostermann, por outro lado, também nos coloca a questão: “um dos privilégios do futebol é que ele ainda é um assunto aberto, próprio à especulação e às afirmações”. (PROENÇA, 1981, p. 43)

Em entrevista ao jornal *Zero Hora*, em 2016, o Professor, que também já foi homem de rádio e tevê, revela sua preferência pelo texto escrito que, segundo ele, “tem uma qualidade superior”. Segundo Ostermann, a frase (dita) passa, mas o que é escrito, não. “Fica lá, para você prestar atenção, recuar, avançar, até deixá-lo de lado e depois retomá-lo com outro significado”. Ele diz acreditar que é possível fazer descobertas sobre si mesmo por meio do texto, o que lhe parece ser (o texto) a grande qualidade do jornalismo. Ao comentar um de seus métodos de trabalho, Ostermann revela que busca uma frase de intuição para “persegui-la com os elementos do jogo”: “Lembro de um zagueiro, de nome Pipoca, que no primeiro lance do primeiro jogo

chutou a bola lá no alto, onde nada acontece. Parto deste ‘nada acontece’ e sigo em frente, dispondo dos elementos factuais”.

Ostermann conversa com o leitor e não se furta, tal qual Lima Barreto no início, a expor seu ponto de vista. Quem lê sua crônica não precisa concordar, mas compreende que o Professor, logo nas primeiras linhas demonstra enfado e um certo desprezo pelo ar solene como a Seleção Brasileira era tratada naquela década de 1970, em meio à truculência da ditadura militar. A crônica sobre a Seleção, numa apresentação do time, traz mais sobre a compreensão do ambiente que o cerca do que um texto informativo, que tenderia a ser meramente protocolar.

Depois do cerebral Ostermann, continuamos a escalar o time com o visceral João Alves Saldanha. Homem de fortes convicções políticas, o sanguíneo João Sem Medo, conforme apelido bordado especialmente para ele por Nelson Rodrigues, é o típico especialista, que só pode ser escalado em uma posição: a extrema esquerda. Saldanha em campo é garantia de jogadas agudas, dribles desmoralizantes e certamente brigas homéricas com a arbitragem e os cartolas. Na crônica apresentada, publicada pelo *Jornal do Brasil* em 6 de junho de 1982, Saldanha, como de costume, usa o recurso da oralidade para melhor expressar sua mensagem. Como explica Proença,

Começamos lembrando a já conhecida maneira de João Saldanha abrir seus programas no rádio e na TV: “meus amigos”, que equivale a um “meu chapa”, “ô, meu”. Quer dizer: estabelecia desde logo a ponte autor/ouvinte (ou, como querem os “aficionados” da Comunicação de Massa – Emissor/receptor, através do canal, admitindo um Código). Feito o contato, dada a saída para o “papo”, o resto é fácil, é que nem o contador de histórias de beira do fogo no galpão (Alegrete, quem sabe?)

A esse tom coloquial se transporta a prosa do autor, exigindo dele permanente fidelidade ao “jeitão” simples e descontraído que, por sua vez, se identifica com os períodos telegráficos, as frases nominais (despojadíssimas), com o vocabulário que o povo conhece, facilmente “decodificável” pela moçada do futebol. (PROENÇA, 1981, p. 32-33)

Não só cronista de mão cheia, com estilo próprio, único e inconfundível, João Saldanha possuía talento nato para a comunicação. Além disso, tinha convicções fortes. Praticamente como se pusesse a mão no ombro do leitor e o convidasse a tomar um chope em um bar qualquer da Avenida Rio Branco, no Centro do Rio, perto da sede do JB, Saldanha conta sem melindres a negociação pelo prêmio aos jogadores caso fossem campeões na Copa da Espanha, e ainda revela como participou de trato semelhante antes da Copa do Mundo de 1970, no México – Saldanha treinou a

Seleção Brasileira na Eliminatória para aquele Mundial, e foi destituído do cargo em favor de Mário Jorge Lobo Zagallo, alegadamente por divergências com o presidente da República à época, o 28º a governar o país e o terceiro no período da ditadura militar, o ditador general de exército Emilio Garrastazu Médici.

Dissemos, ao início, que o coloquial estava a serviço da narrativa de João. É aquele torcedor que fica horas e horas na esquina em pé, ou tomando um chopinho, e falando sobre futebol. A vida, “naquilo”, ensina o jeito de falar. E como o mundo do futebol é, realmente, um mundo à parte, “são brancos e se entendem”. É de fato incrível o poder de comunicação de João – quando fala, quando escreve, e, dizem, quando lida com os jogadores (...).

De nada adiantaria, porém, essa quase vocação, ou sei lá o quê, talento inclusive, quando tentasse levar as coisas para o papel, se não as fizesse acompanhar de toda uma consciência artesanal (que sabemos fruto de muita leitura também). O ritmo espontâneo e oralizante, tipo contistas pos-Semana de Arte Moderna (...), a seleção do material temático, vocabular, etc. (...) (PROENÇA, 1981, p. 35)

Na crônica a seguir, João conta, sem medo, como era de seu estilo, um episódio ocorrido fora dos estádios. Às vésperas do embarque da comitiva da Seleção Brasileira para a Espanha, onde disputaria, em 1982, a 11ª Copa do Mundo de Futebol, Saldanha expõe em seu estilo coloquial a negociação entre cartolas (dirigentes) da Confederação Brasileira de Futebol e os jogadores em relação aos prêmios que seriam divididos em caso de vitórias nas partidas, classificação e da eventual do Mundial pelo Brasil.

#### A Comissão Ingênua

Há duas semanas mais ou menos, é sim, foi lá em Recife, um colega me chamou num canto, olhou para os lados e disse: “Estão fazendo bobagem. Fica na moita. Um amigo lá de dentro me disse que eles vão pedir trinta milhões de bicho em caso de vitória. A CBF parece que só vai dar uns dez ou quinze. Isto é mancada. Fala com algum deles.”. Pensei e respondi: “Se pintar alguém que eu conheça melhor, falo sim. Mas vou andar viajando por aí. Você também, se encontrar um, avisa que nisto pode pintar sujeira. Nem sabem no que estão se metendo.”.

Pensei falar com alguém lá em Uberlândia, ficaríamos no mesmo hotel, mas o negócio explodiu antes. A imprensa descobriu e mandou bala. Claro, um prato feito a exigência de bicho mais elevado.

Poderíamos lhes dar várias experiências neste sentido. O próprio Ademir tinha tido uma. Com o Zizinho, em Lima num Sul-Americano, deu uma tremenda onda. Não havia nada demais. Pura ingenuidade e falsa compreensão de profissionalismo num momento altamente emocional.

Já aconteceu comigo nas eliminatórias de 69. Na véspera do primeiro jogo, com o Paraguai, a “comissão” apareceu. Felizmente me procuraram antes e fizemos um trato: ou tudo ou nada. Sim, a eliminatória não tinha alternativa. De que adiantaria ganhar da Venezuela e da Colômbia e não se classificar? A tabela apresentada pelos rapazes, de bicho crescente por jogo separado, não tinha sentido. Fiz uma

contraproposta. Não como patrão mas como parte: “O que vocês estão propondo por jogo deverá dar no total doze ou treze mil. Pois bem, nada receberemos por partida e apostamos na classificação. E se perdermos não receberemos o último ordenado. Se ganharmos, um pacote único de quinze mil, tá?”. A “comissão” foi se reunir e depois de algum tempo voltou o Carlos Alberto: “Tudo bem. Ou calça de veludo ou calça rasgada. Mas o ordenado não entra no negócio.”. Falei com o Antonio do Passo e ele achou interessante, mas advertiu: “Estamos sem dinheiro. A CBD não tem nem móveis. Se tivermos boas rendas, acho que vai ser fácil.”.

Os jogos foram bons lá fora e aqui dentro lotaram o Maracanã. Na final entupiu com renda recorde. Entrou dinheiro e foi fácil pagar. O erro dos rapazes é que estão colocando o carro na frente dos bois e se arriscando ingenuamente. Se o Brasil for campeão, é fácil arranjar até mais. Se perder, se tirar segundo, poderão até ser tachados de mercenários. Só se deve falar em bicho depois da competição.

Espalharam por aí que um conhecido camarada coleguinha não faz barba nem cabelo há bastante tempo. Está esperando para fazer com o barbeiro de Sevilha. (SALDANHA, 2002, p. 72-73)

Foi dito anteriormente que o João Sem Medo (apelido que ganhou quando treinou a Seleção Brasileira, em 1969, na Eliminatória para a Copa de 1970) era homem de firmes convicções – tidas por quem dele discordava como teimosia. Convicção ou teimosia, uma das cismas de João à época da crônica aqui discutida era a de que aquele time treinado por Telê Santana não era sólido o suficiente para enfrentar os desafios de uma Copa do Mundo. João, voz praticamente solitária a apontar as fraquezas daquela equipe, foi ignorado. Voltou da Espanha desgostoso por ter razão. Preferia estar errado a ver o time desclassificado, mas uma das melhores gerações de craques brasileiros jamais conquistou a Copa do Mundo. Aquela Copa, de 1982, na Espanha, foi um dos momentos de maior brilho na carreira de muitos daqueles jogadores, e também a maior chance de consagração desperdiçada por eles. Biógrafo de João, André Iki Siqueira aponta com precisão:

João reclamava dos erros e, um pouco, do salto alto. Ainda assim, ficava fascinado com aquela seleção, a mais próxima do time que ele montara nas eliminatórias de 1970.

Em sua coluna no JB, escreveu 56 crônicas sobre o escrete de Telê, desde a preparação até o momento posterior ao último jogo na Espanha. Os textos, redigidos entre março e agosto de 1982, seriam reunidos postumamente no livro *O trauma da bola* (2002). Essas crônicas, se trazem críticas e apontam perigos, revelam também um João Saldanha entusiasta como raramente se deixava mostrar. Ao final, o comentarista eloquente e incisivo de sempre deixa que o torcedor João Saldanha seja ainda mais duro e feroz. Ele, como se diz em futebol, ficou mordido com o resultado da Copa.

Para João, Telê Santana colheu o que plantou. Essa posição vai contra a da maioria dos comentaristas, os quais preferem a tese de que o Brasil foi vítima de um acidente do futebol.

Desde março, João propugnava que a seleção já devia estar escalada e que os jogadores deviam saber quem era titular e quem era reserva, tal qual ele fizera quando assumiu o time brasileiro, em 1969, e anunciou as feras. Escreveu como aperitivo de uma série de críticas: “Vamos ver o nosso time. Acho que está quase pronto. O diabo é o quase”. (SIQUEIRA, 2007, p. 438)

Possivelmente, pelo estilo coloquial, João tenha sido o cronista de futebol que mais se aproximou de seu público. Embora aqui em texto (porque Saldanha também foi homem de rádio e de televisão), o cronista aborda o leitor de maneira completamente diferente do convencional. Trata, mesmo, o receptor de sua mensagem como alguém íntimo, a quem se possa revelar um segredo. Prende a atenção daquele ao qual se dirige. E deve isso ao tratamento do leitor como colega de boteco, com quem conversa embalado por chopes e tira-gostos. Porque talvez João não tenha sido o primeiro cronista de futebol (afinal, os irmãos Mario Filho e Nelson Rodrigues chegaram um pouco antes dele) a perceber a paixão que o esporte suscitava no povo. Mario e Nelson também perceberam isso, mas a vantagem de João sobre eles era a de conhecer o esporte por dentro. João Saldanha jogava peladas na praia e não fazia feio, bem pelo contrário. Era respeitado pelos atletas e chegou a ser técnico de futebol. O fato de haver treinado a Seleção Brasileira e classificado o escrete nacional para a consagrada conquista de 1970, já treinado por Zagallo, não o deixou se elevar a qualquer espécie de pódio. Saldanha tinha consciência de seu papel como cronista e era a isso que se dedicava. Usava, sim, da vantagem de conhecer as entranhas do jogo, inclusive seus bastidores, para confeccionar seus textos. E, nos textos, procurava usar a linguagem tão informal quanto possível para permitir que fossem publicados e compreendidos pelo leitor – o único com quem mantinha compromisso. Sem pretensas erudições, sem parnasianismos incômodos e incompreensíveis, apenas o

bom e velho linguajar de malandro de bar que fala ao pé do ouvido e diz as verdades que acredita terem de ser ditas.

#### 4.4 PRORROGAÇÃO (1990 A 2010)

Para o final, de modo diferente do convencional, escalo o primeiro dos zagueiros. Não um botinado qualquer, mas alguém com a categoria de um líbero, aquele que sabe sair com a bola ensinando geometria no gramado com passes verticais, diagonais insuspeitas e coberturas seguras. O baiano João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro não é dos nomes mais afeitos a textos sobre futebol, mas sua crônica explicando os motivos de se tornar torcedor pode ser aplicada a qualquer time, tão brilhante é o exercício de subjetividade que faz. Escrita em junho de 1991 para uma edição especial da revista *Placar*, é de um tempo em que a crônica já vinha perdendo força como representação do espetáculo.

##### Vitória 2 x Bahia 0

Eram tempos sérios. Quem dissesse “pimba na gorduchinha” numa casa de família podia ser muito mal interpretado e não existiam essas frescuras de líbero, 4-2-4, cabeça-de-área, ponto futuro e similares. Time de futebol era um goleiro, dois beques, três ralfes (os da direita e da esquerda também chamados de “asas médias”) e a linha de frente – dois pontas, dois meias e o centrefor. A formação era a famosa WM – em baianês, “dabliú-mê”.

Os uniformes eram também sérios (aliás, o Vitória da Bahia é o primeiro rubro-negro do Brasil, fiquem vocês sabendo), goleiro não usava luvas, não havia anúncio nas camisas e, quando o time do Bahia deu para aparecer em campo exibindo à cintura umas suspeitíssimas faixinhas vermelhas desfiadas nas pontas, até a torcida dele vaiava.

Havia diversos times de respeito e, de vez em quando, o Botafogo, o Ipiranga, o Galícia e até o Guarani levavam um campeonato. O Bahia, nem se fala. Na verdade, todo mundo tinha pelo menos um campeonatozinho de que se gabar, menos o Vitória. Time mais antigo da Bahia, o Vitória nunca havia sido campeão. Sempre rondando a taça e sendo chamado de “grande”, mas na última hora quebrando a cara em decisões trágicas, emolduradas por uivos lancinantes nas arquibancadas, pileques definitivos e mortes passionais. Há quem diga que o fato de sua fundação haver ocorrido em uma sexta-feira, treze, tem alguma relação com essa triste sina. Contudo, apesar de ser baiano e, por conseguinte, não poder descartar essa possibilidade, prefiro a tese do hino. Parece que agora mudaram o hino, mas o antigo era uma marcha fúnebre, uma nênia lúgubre e soturna, que transformava o véu da noiva num véu de viúva. Enquanto o hino do Bahia é até hoje dançado nas ruas, ao som de um estribilho vivaz e alegre, os ululos sinistros do hino do Vitória talvez tornassem uma missa de sétimo dia excessivamente tétrica.

Então, dentro desse panorama, por que eu, menino criado em Aracaju (time de fé: Confiança) que só voltou à Bahia aí pelos 10 anos de idade, escolheria logo o Vitória? Fatalidades, fatalidades. Fomos morar na Barra, bairro do Vitória, cujos jogadores se alcunhavam de Leões da Barra. Quando ouvi o nome pela primeira vez, achei lindo, quis logo ser um Leão da Barra também. E, para piorar, o Vitória treinava pertinho lá de casa e a gente ia lá, conversar com os jogadores. Finalmente, para consolidar minha paixão, Quarentinha, o grande Quarentinha, mais tarde do Botafogo do Rio e de Seleção, um belo dia esticou uma bola para mim na beira do campo e me chamou de campeão.

Venho sofrendo muito, desde então. Meu clássico sempre foi o Ba-Vi, embora dolorosas experiências me façam esquecer certos Ba-Vis. Mas tive a glória de estar na Fonte Nova no dia em que o Vitória ganhou seu primeiro campeonato. Não posso dizer que assisti ao jogo. Eu era pequeno, o estádio estava lotado, o Vitória estava com a macaca e a torcida de pé não me deixava ver nada. Mas comemorei do mesmo jeito e até me molhei todo no banho de cerveja promovido pelos barraqueiros do Mercado da Barra. E, se não me falha a vã memória, ainda lembro que alinhamos o nosso triunfante dablíu-mê com Nadinho, Valvir e Alírio; Porunga, Gago e Joel; Tombinho, Alencar, Juvenal, Quarentinha e Ciro. Eu tinha uma bola assinada por todos os onze, mas ela sumiu numa mudança. Deve ser por isso que o Vitória nunca mais foi o mesmo. (RIBEIRO, 1991, p. 39)

João Ubaldo mostra que saber encarar e, mais importante, rir da própria desgraça, como faz ao comentar os intermináveis anos sem título do Vitória, além de ser um saudável exercício e lição de vida, sempre poderá render bons textos. Ao passar longe de análises sisudas e textos exaltando um pretense heroísmo (como os de outros cronistas na mesma edição da revista), o baiano alcança os leitores, junta-se a eles e lembra que mesmo o amargo de algumas derrotas é um sabor a ser sentido. Iconoclasta, debocha do próprio hino do clube e se coloca no mesmo rés-do-chão do qual Antonio Candido tanto falou. Uma análise do próprio Candido se encaixa bem ao texto de João Ubaldo.

Quero dizer que por serem leves e acessíveis talvez elas [as crônicas] comuniquem mais do que um estudo intencional a visão humana do homem na sua vida de todo o dia.

É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica. Os professores tendem muitas vezes a inculcar nos alunos uma ideia falsa de seriedade; uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que conseqüentemente a leveza é superficial. Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas. (CANDIDO, 1992, p. 19)

Numa época em que as crônicas de futebol já vinham havia certo tempo engessadas pela objetividade contra a qual Nelson Rodrigues tantas vezes bradou. Ler o texto de João Ubaldo e suas lembranças de por que se apaixonou pelo futebol e pelo Esporte Clube Vitória é como receber um sopro de alívio em meio a um mundo recheado de relatos sobre esquemas táticos (que o mesmo Ubaldo trata de simplificar em seu registro). A crônica sobre a magia que o futebol provoca nas pessoas é muito mais elucidativa sobre o jogo, exatamente por ser subjetiva e abrir possibilidade para que cada leitor depreenda dela o que lhe convier, do que um texto fechado e

impositivo sobre postura tática, funções dentro do campo e demais informações objetivas. O lugar para este tipo de crônica está vago na imprensa brasileira.

Novato entre tantos craques e mesmo desconhecido para alguns, o jornalista e mestre em Relações Internacionais Sidney Garambone completa a defesa ao lado de João Ubaldo. Não se deixe enganar pela pouca fama. Garambone já editou o caderno de esportes do jornal carioca *O Dia* e também o portal globoesporte.com. Tem afinidade com seleções, pois escalou a sua própria apenas de volantes – o jogador encarregado justamente de proteger a defesa – no livro *Os 11 maiores volantes do futebol brasileiro*, de sua autoria.

Contudo, Garambone não chegou a esta dissertação por seu currículo. Está nestas páginas por uma crônica que nada deve às melhores dos mais consagrados cronistas. Publicada não em mídia impressa, mas eletrônica, no site globoesporte.globo.com em 29 de maio de 2008, após o confronto Boca Juniors 2x2 Fluminense, “Os Fantasmas de Avellaneda e o Medo” versa sobre aquela partida, mas não é aquele texto tradicional pós-jogo, com o score, quem levou cartão amarelo, quantos chutes cada time desferiu ao gol adversário, quem ficou mais tempo com a bola. Nada disso. O texto é onírico e cria personagens “vistos” apenas pelo autor – talvez uma homenagem ao Gravatinha e ao Sobrenatural de Almeida, que bagunçavam cotejos históricos segundo as teclas da máquina de Nelson Rodrigues. O texto de Garambone é um exemplo perfeito do nível a que as crônicas poderiam ser elevadas caso houvesse tempo para serem escritas e interesse em lê-las.

Os Fantasmas de Avellaneda e o Medo

Duas da manhã. Dois graus. Frio. El Cilindro de Avellaneda descansa depois de pisoteado por 50 mil boquenses e dois mil tricolores.

Quem vem lá?

No setor 5.

Duas sombras diluídas na névoa portenha. Dois fantasmas. Ohaco e Artola. O primeiro, artilheiro da academia do Racing (1913-1919), o segundo até hoje homenageado por ter sido o primeiro presidente do centenário clube azul e branco.

Conversavam.

– O que houve aqui hoje? – perguntava Ohaco, que não teve a honra de jogar no estádio, inaugurado em 1950.

– Querido, nosso estádio mais uma vez foi metáfora da vida. Infelizmente sem o nosso time.

– Talvez esta seja a nossa grandeza. Inspirar.

– Pois, Ohaco, desde as dez da noite, petulantes brasileiros ousaram extirpar um pé do tridente.

– Orgulho, Respeito e Medo ao Boca Juniors.

– E nós conhecemos isso muito bem, não? – lembrou Artola.

– Conte-me mais. Cheguei atrasado.

– Como também se atrasaram os boquenses. Enquanto os atletas brasileiros faziam aquela brincadeira deles...

– Bobinho!

– Isto, divertiam-se com um bobinho no meio de campo, esquecendo-se da turba e da pressão que vinha das arquibancadas.

– Saudades – lamentou Ohaco.

– Pois meu querido artilheiro, eis o que se passou. Trajando a mesma camisa que nosso rival Vélez usou por tanto tempo, este tal Fluminense, tão secular quanto nosso amado Racing, veio a nossa casa, orgulhoso, querendo fazer história, sem ser heróico.

– Sim, concordo, só os mais fracos e covardes são capazes de feitos heróicos. Os grandes apenas se impõem.

– Termina, pois, Ohaco, afinal já é tarde e precisamos continuar a descansar. Apesar do frenesi de nossos compatriotas, de um volume de jogo que lembrou nossas arrancadas do início do século passado, este orgulhoso Fluminense respeitou o Boca, deixou o jogo correr, procurou também fazer gols, não deixou a bola ser exclusividade portenha e saiu com um empate digno, sabendo que não há nada ganho.

– Afinal, o Boca é o Boca – afirmou o fantasmagórico Ohaco.

– Sim, Ohaco. Mas há muito tempo não encontrava alguém pela frente que simplesmente não tem medo da fama deles. E você sabe tão bem quanto eu, que eles são tinosos na arte de aterrorizar todos os que tentam desafiá-los em casa ou fora dela.

– Atlas, Cruzeiro e tantos outros... Mas e a metáfora da vida, presidente? Onde está?

Artola pigarreou, soltou a fumaça condensada pela boca, como que fumando antigas cigarrilhas floridas, levantou, assustou-se com a temperatura fria do cimento que envolvia as cadeiras da arquibancada. E meio que conversando com as estruturas de metal suspensas, filosofou.

– Ohaco, tanto eu quanto você, pioneiros do futebol na América do Sul, encaramos a vida desta forma. Com respeito e orgulho. Medo jamais. Sem ele, pudemos escrever uma história junto com tantos outros. Pode ser que nosso Racing hoje seja isso, uma coletânea de histórias, uma névoa de lembrança nos mais jovens, uma potente nostalgia nos mais velhos. O ar hoje está pesado. Uma navalha afiada seria capaz de cortá-lo, como escreveria aquele menino colombiano que veio depois de nós. Afinal, 50 mil sofreram com a falha do aspirante Migliore, que teve medo e não segurou a bola do rapazote camisa 10 do Fluminense. O medo, Ohaco, existe dentro de todos nós. Talvez sem ele, não tenhamos a coragem de ter respeito e orgulho pelo que vem pela frente. Porém, ignorá-

lo é a melhor das alquimias. Agora é hora de o Boca não ter medo no Maracanã. E do Fluminense dobrar seu respeito e orgulho. Nos resta ir a Ezeiza reservar duas passagens para o Rio de Janeiro.

– Ora, Artola, e nós precisamos de avião para chegar ao Rio? – indagou um fantasma ao outro.

– Esqueci. Ou talvez seja medo de lembrar do que já mais não sou.

O último refletor apagou, o último funcionário da televisão argentina desplugou o último cabo. E Artola e Ohaco desceram as escadas, deixando atrás de si lembranças recentes e distantes do futebol. (GARAMBONE, 2008)

O fato de Lopez (1992) usar crônicas de Mário de Andrade para exemplificar o uso da crônica em jornais não impede sua utilização para o assunto no século XXI, quando o texto de Garambone é escrito para ser veiculado na internet.

(...) a própria natureza jornalística dos textos já os desamarra na origem: são textos com pouco tempo para serem escritos, textos a que o leitor não voltará, pois nem o jornal estará mais com ele. Podem então ser menos cuidados; são e não são literatura. (...)

- a) Crônica, em sua origem jornalística, é o texto descompromissado de grandes ambições; não pede o artesanato exaustivo, nem o rigor na informação.
- b) Crônica não é artigo, nem ficção. Dentro da prosa é a libertação da rigidez do gênero. Em 1942, revisitando sua produção de cronista, Mario [de Andrade] afirma que as crônicas “mais sérias” o desgostavam, por serem “deficientes ou mal pensadas”. Não conseguiam, compreendemos, cumprir, para ele, o propósito do jornalismo e não se revelavam literariamente bem realizadas. Deixavam de ser descompromissadas, “conversa fiada”, importante como vivência do cotidiano, para se tornar leitura pesada, visando à assimilação.
- c) Crônica é o texto livre, “desfatigado”, que pode tratar de qualquer assunto; é curto, sem ter, contudo, regras preestabelecidas para sua extensão. (LOPEZ, 1992: 170)

O desenvolvimento da tecnologia não encontrou na crônica de futebol o espelho de sua evolução. Se, na maioria dos casos, a execução da atividade jornalística ganhou em agilidade com algumas melhorias técnicas, a crônica, por seu lado, não se beneficiou exatamente das novidades. Telefones celulares, *chips* menores e com cada vez mais capacidade de armazenar informações, computadores portáteis (*laptops* ou *notebooks*), *flash drives*, cartões de memória, internet, aplicativos de telefonia celular... está longe do exagero dizer que o mundo está ao alcance da mão via qualquer um desses ou todos esses e ainda tantos outros dispositivos.

Na década de 1990 a rede mundial de computadores era uma realidade nas redações de jornais mundo afora.

Na segunda metade dos anos 1990, a febre da internet tomou conta do Brasil. Já havia alguns anos, o fenômeno tomara conta dos Estados Unidos. E da Europa. Mas os sites ainda não eram difundidos a ponto de tornarem-se negócio. (...) Foi só em 1999, no entanto, que a internet virou fenômeno tão grandioso que começou a tirar alguns dos melhores profissionais do jornalismo esportivo. (COELHO, 2014, p. 59-60)

Ficava no vácuo o tempo das obsoletas laudas onde as matérias eram datilografadas em máquinas de escrever. Réguas de paicas, usadas para medir o espaço a ser dividido numa página de jornal entre anúncios e material editorial deixaram de ser usadas. Filmes fotográficos que precisavam passar pelo cansativo processo químico de revelação também foram condenados sem defesa à obsolescência. A realidade passava pelo sistema binário do mundo digital.

Mesmo as imutáveis regras do futebol passavam por adaptações: nem o progresso da preparação física poupava os atletas das exigências de calendários cada vez mais apertados. As lesões passaram a ser mais sérias e mais frequentes – o que fez com que a *Fédération Internationale de Football Association* (Fifa, a entidade máxima da modalidade) desse anuência para que número igual de jogadores no campo pudesse ficar à disposição dos técnicos para substituições durante a partida. Como a Fifa é extremamente refratária a mudanças, contudo, apenas três trocas são permitidas durante os 90 (ou 120 minutos, no caso de haver prorrogação para desempate) de jogo. Ao longo dos anos, outras novidades apareceram, como a utilização de árbitros auxiliares atrás das goleiras, para tentar dirimir dúvidas em lances mais difíceis. A mais polêmica novidade, que ainda não foi aceita pelo conselho da entidade – e, portanto, não virou regra obrigatória em todos os torneios – é o árbitro de vídeo, que, como em outros esportes como basquete, futebol americano, tênis, rugby e vôlei, apenas para citar alguns, tem o poder de anular determinadas decisões tomadas pelo árbitro.

Todas essas novidades passaram a fazer parte do cotidiano de atletas, treinadores e toda sorte de profissionais do futebol, bem como dos amantes do esporte. E dos jornalistas e cronistas que vivem de escrever sobre o mais popular jogo do mundo. Nem sempre para o bem, é preciso destacar. Como jornalista profissional da imprensa que conviveu com o mundo de futebol por aproximadamente 12 anos na redação de um jornal impresso – entre 2000 e 2012, no *Diário Gaúcho*, de Porto Alegre (RS) –, acredito ter acumulado certa experiência na área, exatamente por ter vivido parte destas mudanças. Até a década de 80 no século passado, a rotina após a

cobertura de um jogo, quando a crônica era produzida, era basicamente a mesma em todos os cantos do Brasil. Quantos fossem os encarregados de produzir o material sobre o jogo que seria impresso no jornal do dia seguinte, iam ao estádio, por volta de uma hora antes do início da partida, para garantir o melhor lugar possível nas cabines destinadas à imprensa. Terminado o jogo, dependendo do cronista e dos repórteres, esperava-se a liberação do acesso aos vestiários dos clubes para alguma entrevista adicional com os protagonistas do espetáculo, ou simplesmente ia-se embora de volta à Redação imediatamente após o apito final – o que também poderia ser definido pela magnitude do jogo: finais ou fases decisivas de campeonatos mereciam maior atenção e, portanto, mais tempo dispensado à cobertura.

Em meados dos anos 1990 e início dos anos 2000, a disponibilização de *laptops* possibilitou que o texto fosse redigido já no estádio, diminuindo o tempo necessário para a sua elaboração na redação.

Em Porto Alegre, os dois maiores estádios de futebol, o Beira-Rio, do Sport Club Internacional e, então, o Olímpico Monumental, do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense, passaram a disponibilizar redes de transmissão de dados online apenas em meados da primeira década do século XXI. A instabilidade na transmissão de tais dados, porém, era tamanha que, em jogos noturnos – com o horário mais próximo do fechamento do jornal, portanto – não fossem raras as vezes em que o encarregado do texto jornalístico sobre a partida (chamado, nas redações, de crônica, mesmo que não obedecesse às características do gênero e fosse um mero texto informativo) tivesse de voltar à Redação do jornal onde trabalhava durante o intervalo da partida. Deste modo, o restante do jogo era acompanhado pelos monitores de televisão – em quase sua totalidade, partidas de Grêmio e Internacional são transmitidas por emissoras de TV. Assim, muitas vezes, o especialista no assunto assistiu a pelo menos metade do jogo da mesma maneira que a maioria do público leitor: na telinha da TV. Como isso não bastasse para diminuir a qualidade do texto da análise do assunto em questão, ainda havia a pressão do relógio a martelar os dedos do escriba. Como o processo de impressão do jornal não é exatamente rápido e o produto tem de estar nas bancas e nas casas dos assinantes cedo pela manhã, a ordem dos editores era aprontar o texto tão logo o árbitro desse por encerrada a partida. O que levava os cronistas a apenas esperar o final com o texto praticamente pronto, somente esperando a confirmação daquilo que já estava escrito pelo menos desde o começo da segunda etapa do jogo. O que, obviamente, passa longe de ser a melhor e mais adequada maneira de se escrever

uma crônica, por praticamente não deixar espaço sequer para uma melhor escolha de palavras, quanto mais estilo, originalidade, criatividade, espontaneidade, sagacidade, humor, crítica e tantas outras qualidades quantas se quiser imaginar.

O mesmo vale para textos publicados na rede mundial de computadores. Textos na internet têm a vantagem de poder ser modificados logo depois de escritos, pois a mídia eletrônica assim permite – não há a necessidade de impressão, portanto o texto não padece de imutabilidade –, mas o gatilho do *deadline* do horário apontado para a cabeça do redator é o mesmo e produz estrago semelhante. Seria muito pretensioso dizer que não há como produzir jornalismo ou literatura de alta qualidade nesses termos, mas não é exagero algum afirmar que essa tarefa ficou muito mais difícil do jeito que já foi imposta, durante o período relatado. Certamente hoje os dois estádios maiores do Rio Grande do Sul (Arena do Grêmio, recentemente construída como nova casa do clube, depois do Olímpico, e o remodelado Beira-Rio) oferecem estrutura de primeira linha em termos de comunicações, possibilitando que os jornalistas finalmente aproveitem os benefícios dos avanços tecnológicos. A pressão do relógio, porém, ainda é a mesma – apenas os repórteres não precisam mais sair correndo do estádio no intervalo dos prélios para entregar os textos aos seus editores. O esquema de aprontar o relato do jogo entre o fim do primeiro tempo e o início do segundo, contudo, permanece. As principais mudanças que possam ocorrer no embate, se decisivas para o resultado, são colocadas nos parágrafos iniciais, e outros câmbios drásticos são deixados para as sentenças finais.

## 5. CONCLUSÃO

Foi o tempo uma das primeiras e básicas referências desta dissertação para estabelecer a crônica como gênero jornalístico e literário. Os primeiros cronistas escreviam para registrar a passagem do tempo e os feitos que o homem conseguia imprimir durante essa passagem.

A crônica aceitou os fatos da atualidade e recebeu as coisas corriqueiras e mundanas como assuntos seus, relatos do acompanhamento do tempo. E o leitor abraçou a forma, entendeu aquele colóquio consigo como algo divertido, por vezes, mesmo quando o assunto fosse interessante, íntimo, revelador, sério (mesmo quando por vezes tratasse de diversão ou lazer) e incorporou à sua rotina a leitura e, também não menos importante, o comentário sobre aqueles textos mais curtos e bem mais palatáveis que os das notícias.

Dizer simplesmente que a crônica de futebol dá vazão a uma (ou a mais) formas de expressão seria estabelecer o óbvio. Dizer que a crônica de futebol possibilita a expressão artística de certo grupo de cronistas, escritores, jornalistas que cultivam este tipo de escrita também não foge muito do lugar-comum. Dizer, porém, que esta variedade de escrita possui autonomia criativa para optar pela crônica já é um tanto diferente. E se forem adicionadas à tal liberdade intelectual algumas doses de influências artísticas, familiares, profissionais, educacionais, aí, então, o pacote do escritor fica mais completo. Porque todo artista – e o cronista de futebol, que lida com a arte do futebol – é também, um artista. Suscetível, portanto, a uma miríade de influências em intensidades diversas, mas que se completam. O cronista ouve toda sorte de palpites e considerações sobre seu trabalho: de seu leitor, dos colegas redatores e editores, dos diretores (do jornal, revista, blog ou site), dos torcedores, da família – enfim, quem lida com futebol não tem como ficar imune a comentários. Alguns desses comentários podem ser aproveitados, talvez até reconhecidos em forma de texto por quem os proferiu.

Depois de fazer rodar o argumento, tal qual um meio-campista com a bola à procura do melhor momento e do companheiro mais bem colocado para receber o passe, a jogada precisa avançar: se o cronista pode ser influenciado por inúmeros interlocutores, de diversas maneiras, é claro que, com o poder da mídia em que se insere, a seu favor, ele também exercerá influência sobre o público ao qual se dirige. Mais do que conseguir fazer chegar ao leitor sua mensagem, o escritor transmite e faz

com que suas ideias sejam compreendidas e refletidas. Ele passa a influenciar a opinião alheia.

Pois assim passa a marcha do tempo, e leitores, escritores e crônicas se vão acostumando uns com os outros, afinal ambos vivem o mesmo presente. E o assunto – e o mundo – obrigatório das crônicas é a atualidade – aquilo que pertence ao agora.

Além disso, crônicas (como as de que trata esta dissertação) publicadas em veículos como jornais, revistas e mais recentemente, na rede mundial de computadores, podem acompanhar o leitor aonde ele as quiser levar. Jornais, revistas, telefones celulares têm como característica este feio neologismo chamado portabilidade, a capacidade de serem levados sem causar incômodo. Por acompanharem o leitor conectam-no instantaneamente ao assunto de que o cronista resolver tratar. O acesso é rápido e a exigência de tempo dispendido para a leitura é também menor.

Entretanto, as empresas jornalísticas – que publicam as crônicas, objeto deste estudo – não souberam lidar bem com a internet, que se mostrou um fenômeno além de sua compreensão para que tivessem um produto adequado a esta nova mídia. Somados a tudo isso estão o avanço de redes sociais como Facebook, Instagram e Twitter, por exemplo, bem como o aplicativo instantâneo de trocas de mensagens em smartphones WhatsApp. Por que citar as redes sociais e o aplicativo? Porque falamos de tempo, e tudo isso desvia atenção e rouba tempo. Por que ler um artigo ou uma crônica (que, perante as mensagens, imagens ou vídeos de Facebook, Instagram, Twitter e WhatsApp já parecem imensos, em vez de textos contidos)? Resultado de uma partida? Atuação do craque do time? Alguma ocorrência peculiar do jogo? Duzentos e oitenta caracteres do Twitter hoje dão conta disso.

Esta penalidade, porém, não é sofrida apenas pelo público. Quando a bola, neste caso, é metaforicamente ajeitada na marca redonda da cal que aponta a punição máxima sofrida num jogo, o jornalista é quem sente o medo do goleiro diante do pênalti. Se profissionais forjados na dureza diária da pauta têm de conviver com as agruras do desajuste ainda incômodo representado pela internet, é bem provável que o futuro cobre das novas gerações outro tipo de conta: a da dureza de aprender da pior maneira que uma notícia publicada no calor da hora nunca valerá mais do que uma notícia apurada com rigor e publicada sem a sombra da incerteza. Hoje o fenômeno “caça likes” parece valoroso em sua imponência escudada pelos números da popularidade. A mesma popularidade, contudo, pode mudar de lado ao descobrir que

uma notícia publicada para atender os interesses da pressa e da pressão por chegar primeiro à audiência pode desassistir os interesses dessa mesma audiência.

Argumentar que a velocidade com a qual a informação vem sendo tratada no jornalismo, com consequências óbvias a se espriar para as crônicas de futebol, não deve ser confundido com saudosismo do tipo: “naquele tempo era melhor”. Aquele tempo, seja qual for, era apenas diferente, embora os ponteiros do relógio sempre estivessem a ameaçar.

E a crônica, o que tem com isso? Muito. Para um gênero no meio do caminho entre o jornalismo e a literatura, não há muito tempo disponível para ser elaborada. Mas há bastante distância entre não dispor de muito tempo – o que aqui se entende por ter de ser finalizada sob o olhar austero do relógio, que avisa a aproximação do *deadline* do jornal – para ser escrita e ter de ser cuspidada em minutos. Se muitas vezes a espontaneidade da crônica reside justamente nessa pressão, o oposto também é facilmente aplicável. A espontaneidade pode morrer em função do pouco tempo que o cronista tem a dispor. E falo aqui por experiência própria. Já relatei anteriormente minha experiência no jornalismo esportivo – onde exerci mais longamente a função de editor do que a de repórter. Mesmo no cargo que se ocupa, grosso modo, mais de podar textos que de regá-los, também cometi muitas crônicas em jogos de futebol. E não foram poucas as vezes em que, espremido pelo horário, principalmente em partidas noturnas, mais próximas, portanto, do horário de fechamento do jornal, já cheguei ao estádio com algumas ideias pré-concebidas para o texto que escreveria. Em bom português: já era, espontaneidade.

Cronistas sem tempo para escrever, mais leitores com cada vez menos tempo (e interesse, é muito provável) para ler é uma equação para a qual a previsão de resultado invariavelmente será negativa. Já que se usou um exemplo da matemática pode-se continuar nas ciências exatas e criar uma metáfora física: a inércia do tempo da crônica parece não se sintonizar com a velocidade da percepção do tempo em que vivemos. Àquela sensação familiar de “já é dezembro, o ano passou voando” me permito adicionar um ingrediente, na forma de pergunta, para quem acompanha os campeonatos de futebol: leste quantas crônicas sobre o tema neste ano “que passou voando”? Sei a resposta. Varia entre “zero”, “poucas” e “nem tive tempo”, mas o leitor não ter tempo não é a única razão. Ela vem acompanhada de “não há mais cronistas nos jornais” ou “eles também não têm tempo de escrever”. E voltamos aos 280 caracteres do Twitter e às demais mídias disponíveis, que matam o tempo de

leitores e escritores do que talvez seja um dos mais brasileiros dos gêneros: a crônica de futebol.

Em 2008, José Miguel Wisnik alertou para o que chamou de seu livro *Veneno Remédio* confrontar-se com seu próprio veneno, ao questionar se as partidas da Copa do Mundo de 2006 não estavam afunilando para um giro vicioso em que todas pareciam a mesma, e a única que produziu algo diferente foi a partida decisiva, em que o capitão francês, Zidane, deu uma cabeçada no zagueiro italiano Materazzi.

A questão levantada por Wisnik pode ser várias: não há partidas demais para que se escreva sobre elas? Como manter o nível de interesse em textos sobre um esporte que é praticado durante 11 meses do ano? Por outro lado, cada partida e as situações que envolvem os times, atletas, torcedores, são mananciais quase inesgotáveis de inspiração. Por que, então, veem-se menos crônicas sobre futebol do que antes?

Um dos jornalistas mais premiados do país (38 láureas, entre elas sete prêmios Esso regionais), o gaúcho Carlos Wagner tem uma visão interessante não exatamente sobre a crônica, mas sobre as atuais mazelas do trabalho jornalístico, que merece ser compartilhada porque certamente afeta todo o material que é publicado pela imprensa, e pode ajudar a compreender a situação. Diz Wagner (2017) em seu blog que do alto de seus 67 anos, 40 deles como repórter investigativo, tem assistido ano após ano à perda de impacto com os leitores das notícias que são publicadas. Curioso como todo bom repórter, ele diz ter perguntado às pessoas o porquê da perda de prestígio das reportagens, e recebeu como resposta que as notícias publicadas pela imprensa simplesmente não falam mais sobre os assuntos importantes para os leitores em seu dia a dia. Wagner (2017) aponta que “a dinâmica da realidade do assinante acontece em uma velocidade a jato. E a das redações, de maneira lenta”.

Quem trabalha ou trabalhou na redação de algum veículo sabe como funcionam essas estruturas administrativas. O editor-chefe (ou executivo) centraliza as decisões, que obedecem aos interesses ou no mínimo estão em sintonia com a ideia de jornalismo dos proprietários e acionistas da empresa. E essas ideias, não é difícil perceber, têm sintonia com o poder político e com necessidades do mercado em vez de com os leitores e assinantes daquele veículo de comunicação. Segundo Wagner, por muito tempo a presença de jornalistas mais experientes (ele os chama mesmo de “velhos”) foi o fiel da balança entre as ideias corporativas e o que os repórteres sentiam nas ruas (onde acontece o que deveria ser notícia) e de lá traziam para dentro

do jornal, onde intentavam fazer com que esses fatos ganhassem as páginas. Com o tempo, a figura do velho jornalista, segundo ele, foi limada das redações, graças às consultorias que os donos do negócio contratam. Com base em relatórios (que medem produção por quantidade, nunca por qualidade), decidiu-se que jornalistas mais antigos rendem menos que os novos e recebem salários mais altos. A solução tem sido reduzir o número de “velhos”. Ao ponto de que o critério para ser “velho” não é mais idade, mas salário. Sem a experiência como contraponto às decisões editoriais, os jornais viram, em sua maioria, meros espelhos do mundo visto pelos olhos dos empresários.

A reflexão proposta por Wagner é importantíssima. E levanta outra questão. Se a notícia, matéria-prima do jornalismo, é tratada com desleixo pelas empresas jornalísticas, o que sobraria para a crônica? Qual sua chance de sobrevivência? Meses atrás, ainda em 2017, o jornal *Zero Hora* demitiu talvez o maior cronista brasileiro, Luis Fernando Verissimo. Embora continue a comprar textos que ele ainda escreve para o jornal carioca *O Globo*, a decisão é emblemática.

É importante sempre fazer a distinção entre a crônica, este híbrido jornalismo/literatura e as notícias, os textos informativos. Há muito mais textos sobre futebol hoje do que nunca, mas são jornalísticos. Nilson Lage (1979) ensina que notícia é o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e este, de seu aspecto mais importante. Precisamente o que lemos diariamente nas páginas esportivas dos jornais.

De volta ao assunto da dissertação, a crônica de futebol hoje obedece muito mais os critérios de estrutura definidores de notícia (relato de série de fatos a partir do mais importante – e esta importância reflete uma percepção ideológica ou de interesses, atendendo a fatores como comportamento de mercado, fatores psicológicos e outros) do que os definidores de crônica (escrita de forma livre e cunho pessoal, sobre os mesmos acontecimentos que podem gerar a notícia, mas por um prisma humano – que também deveria ser o da notícia – que recebe tratamento artístico).

Honestamente, não temos visto muito disso em jornais, revistas e na internet versando sobre futebol.

O que se lamenta, voltando ao assunto tempo, não são os avanços da tecnologia. A mesma internet que sufoca os cronistas das mídias impressas, cujo trabalho só é oferecido no dia seguinte, também oferta espaço a anônimos em busca de seu lugar na selva do jornalismo e da literatura. O que se lamenta é a dificuldade

de aceitação ou de acomodação de um gênero que tantas obras produziu (e ainda produz – é preciso destacar, no mínimo, as crônicas que o escritor e jornalista José Roberto Torero produzia na *Folha de S.Paulo*, do ex-jogador e médico (porque acredito que escrever ex-craque seja pecado) Eduardo de Oliveira Gonçalves, o Tostão, na mesma *Folha* e em vários outros jornais do país e do jornalista Douglas Ceconello no portal *globoesporte.com*).

A crônica não sumiu das páginas nem dos sites, mas tem sido relegada ao banco de reservas, e ali, não pode mostrar tudo de que é capaz.

## REFERÊNCIAS

- ANTELO, Raúl. *João do Rio = Salomé*. In: CANDIDO, Antonio [et. al.]. *A crônica: o gênero, sua função e suas transformações*. São Paulo: Casa Rui Barbosa, 1992.
- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *Fragmentos sobre a crônica*. In: \_\_\_\_\_. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- DE ASSIS, Joaquim Maria Machado. *O nascimento da crônica: 1º nov. 1877*. In: PAIXÃO, Fernando (Org.) *Crônicas escolhidas de Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1994.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica, vol. I – História da Imprensa Brasileira*, São Paulo: Ática, 1990.
- BASTOS, Gláucia Soares. *Pall-Mall Rio*. In: CANDIDO, Antonio [et. al.]. *A crônica: o gênero, sua função e suas transformações*. São Paulo: Casa Rui Barbosa, 1992.
- BELLOS, Alex. *Futebol – o Brasil em campo* Trad. Jorge Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CANDIDO, Antonio [et. al.]. *A crônica: o gênero, sua função e suas transformações*. São Paulo: Casa Rui Barbosa, 1992.
- CAPRARO, André Mendes e DE FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo (Orgs.). *Passe de letra – crônica esportiva e sociedade brasileira*. Ponta Grossa: Vila Velha, 2012.
- DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo – um olhar inesperado sobre a globalização* Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- DI FRANCO, Carlos Alberto. *Jornalismo, ética e qualidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra* Trad. Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- GARAMBONE, Sidney. *Os fantasmas de Avellaneda e o medo*. Disponível em: <http://futebolconsciencia.blogspot.com.br/2008/06/os-fantasmas-de-avellaneda-e-o-medo.html?m=0>. Consultado em: 12/9/2017.
- GUTTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil – Uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2009.
- KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. São Paulo: Ática, 1995.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1993.
- DE LIMA, João Gabriel (Org.). *Bravo! Literatura & futebol*. São Paulo: Abril, 2010.
- LIMA, Luiz Costa. *A questão dos gêneros*. In: *Teoria da literatura em suas fontes – vol. 1*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. *A crônica de Mário de Andrade: impressões que historiam*. In: CANDIDO, Antonio [et al.]. *A crônica: o gênero, sua função e suas transformações*. São Paulo: Casa Rui Barbosa, 1992.
- MACHADO, Antônio de Alcântara [et al.]. *Um time de primeira: grandes escritores brasileiros falam de futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

- MÁXIMO, João. *Vida longa ao futebol, que completa 150 anos*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/campeonato-brasileiro-2013/vida-longa-ao-futebol-que-completa-150-anos-10439322>. Consultado em: 20/6/2017.
- DE MELO, José Marques. *A Opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MICHIELIN, Francisco (Org.). *As coisas incríveis do futebol: as melhores crônicas de Mario Filho*. São Paulo: Ex-Machina, 2014.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- MOSKO, José Carlos. *A relação entre a crônica e o futebol: alguns apontamentos históricos*. In: CAPRARO, André Mendes e DE FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo. (Orgs.). *Passe de letra – crônica esportiva e sociedade brasileira*. Ponta Grossa: Vila Velha, 2012.
- NEVES, Margarida de Souza. *Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas*. In: CANDIDO, Antonio [et. al.]. *A crônica: o gênero, sua função e suas transformações*. São Paulo: Casa Rui Barbosa, 1992.
- NOGUEIRA, Armando e ARAÚJO NETO, Francisco Pedro. *Drama e glória dos bicampeões*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.
- NOGUEIRA, Armando. *Na grande área*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1966.
- OLIVIER, Diogo. Ruy Carlos Ostermann: “Não vejo incompatibilidade entre filosofia e futebol”. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2016/01/ruy-carlos-ostermann-nao-vejo-incompatibilidade-entre-filosofia-e-futebol-4958115.html>. Consultado em: 2/12/2017.
- OSTERMANN, Ruy Carlos. *O itinerário da derrota: crônica de cinco Copsa do Mundo sem Pelé*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992.
- PASOLINI, Pier Paolo. *O gol fatal: Pasolini e o futebol-arte*. Trad. Maurício Santana Dias. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2014/06/20/o-gol-fatal/>. Consultado em: 22/10/2017.
- PEDROSA, Milton. *Gol de letra – o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Gol, 1967.
- PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2008.
- PINHEIRO, Amálio. *O meio e a mestiçagem*. São Paulo: Estação das Letras, 2009.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1981.
- RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo – histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *Vitória 2 x 0 Bahia*. São Paulo: Abril, 1991.
- RIBEIRO, Luiz Carlos. *A crônica esportiva como fonte para o estudo histórico*. In: CAPRARO, André Mendes e DE FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo. (Orgs.). *Passe de letra – crônica esportiva e sociedade brasileira*. Ponta Grossa: Vila Velha, 2012.
- RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras – novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. *À sombra das chuteiras imortais – crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

- DE SÁ, Jorge. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2008.
- SALDANHA, João. *O trauma da bola – a Copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SANTOS, Luis Alberto Brandão; DE OLIVEIRA, Silvana Pessôa. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DA SILVA, Marcelino Rodrigues. *Mil e uma noites de futebol – o Brasil moderno de Mario Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Quem desloca tem preferência – ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2014.
- SIQUEIRA, André Iki. *João Saldanha – uma vida em jogo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.
- VASCONCELLOS, Eliane. *Lima Barreto: misógino ou feminista? Uma leitura de suas crônicas*. In: CANDIDO, Antonio [et al]. *A crônica: o gênero, sua função e suas transformações*. São Paulo: Casa Rui Barbosa, 1992.
- VIANA, Rodrigo. *A bola e o verbo – futebol na crônica brasileira*. São Paulo: Summus, 2013.
- WAGNER, Carlos. *Qualidade dos jornais: o impacto do extermínio dos velhos repórteres, dos baixos salários e do excesso de trabalho dos novatos*. Disponível em: <http://carloswagner.jor.br/blog/qualidade-dos-jornais-o-impacto-do-extermínio-dos-velhos-reporteres-dos-baixos-salários-e-do-excesso-de-trabalho-dos-novatos/>. Consultado em: 13/12/2017.
- WERNECK SODRÉ, Nelson. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio – o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- WOOD, James. *A mecânica da ficção*. Lisboa: Quetzal, 2010.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)